

EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA

A trajetória de Manaus como referência de ensino e aprendizagem por meio de uma gestão de qualidade



EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA

**A trajetória de Manaus como referência de ensino e
aprendizagem por meio de uma gestão de qualidade**



1ª edição

Manaus

Secretaria Municipal de Educação (Semed/Manaus)

2020

Projeto e coordenação editorial
Felipe Irnaldo e Sérgio Adeodato

Coordenação executiva
Gislane Prazeres

Textos
Sérgio Adeodato e Vinícius Leal

Edição
Sérgio Adeodato

Fotos
Bruno Kelly

Fotos adicionais
p. 19, p. X. p. X e p. X André Pessoa
p. XX /Semcom
p. XX /Semcom
p. XX /Semcom
p. XX /Semcom
p. XX /Semcom
p. XX /Semcom
p. XX /Semcom
p. XX /Semcom
p. XX /Semcom
p. XX /Semcom
p. XX /Semcom

Projeto Gráfico e direção de arte
Walkyria Garotti

Revisão
José Julio do Espírito Santo

Tratamento de Imagem
Giliard Andrade

Impressão
Gráfica nome

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A232e	Adeodato, Sérgio. Educação transformadora: a trajetória do município de Manaus como referência na formação integral do aluno / Sérgio Adeodato, Felipe Irnaldo, Vinícius Leal. – Manaus, AM: Semed Manaus, 2020. 124 p. : il. ; 22,7 x 27,7 cm ISBN 978-65-5872-001-0 1. Educação – Manaus (AM). 2. Prática de ensino. 3. Professores – Formação. I. Irnaldo, Felipe. II. Leal, Vinícius. CDD 370.71
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Selo FSC



Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro Neto
Prefeito de Manaus

Kátia Helena Serafina Cruz Schweickardt
Secretária Municipal de Educação (Semed-Manaus)

Euzeni Araújo Trajano
Subsecretária de Gestão Educacional (SSGE)

Thiago Sarubi Rodrigues Guimarães
Subsecretário de Administração e Finanças (SSAF)

Darcelo Cavalcante Gomes
Subsecretário de Infraestrutura e Logística (SSIL)

Marcionília Bessa da Silva
Diretora do Departamento de Gestão Educacional (Dege)

Maria Jane Selma Banes Trindade
Diretora do Departamento Geral dos Distritos (DEGD)

João Carlos da Silva Filho
Diretor do Departamento de Planejamento (Deplan)

Maria de Nazaré Monteiro Normando
Diretora do Departamento Administrativo e Financeiro (Deafin)

Leís da Silva Batista
Diretor do Departamento de Suprimento e Logística (Deslog)

Roberto Barcelos Buchdid
Diretor do Departamento de Engenharia e Transporte (DET)





Na abertura do ano letivo, os alunos da escola ribeirinha prepararam-se com o que tinham de melhor para as boas-vindas: pensamentos e reflexões sobre a educação, que transforma



Manaus é hoje referência na educação fundamental. Não só por estar entre as dez melhores do país no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), mas porque o melhor desempenho dos nossos alunos significa uma evolução também dos nossos professores, das estratégias educacionais e das estruturas físicas oferecidas na rede municipal — hoje, a 3ª maior do país, com mais de 242 mil alunos e quase 500 escolas.

Em 2013, quando retornei à prefeitura, deparei-me com um cenário bem diferente. Profissionais desmotivados, índice de evasão escolar altíssimo, a cidade tinha somente uma creche, e estávamos perto da última posição no Ideb, além de muitas outras dificuldades pontuais.

Fizemos — e, quando digo isso, falo de todos nós: gestão, educadores, servidores administrativos, merendeiras, pais ou responsáveis e alunos — um trato pela educação de qualidade, resgatando valores e o orgulho pela nossa cidade. Foi um trabalho árduo, que demandou metas e planejamentos concretos para que, hoje, possamos enumerar dezenas e dezenas de avanços na educação municipal.

A começar pelos servidores da Semed, que sempre receberam em dia seus salários, incluindo suas datas-bases, e os professores, valorizados com concursos e premiações por resultado. Como consequência, saímos da vexatória posição de 23º lugar no Ideb para ostentar a 9ª colocação junto à elite da educação brasileira.

Foram diversos prêmios acumulados na categoria nacional, e até internacional, nesse período, tanto para escolas quanto para professores e alunos. Lá em 2013, quem iria imaginar que alunos de uma escola de Manaus estariam em um evento de robótica na Dinamarca?

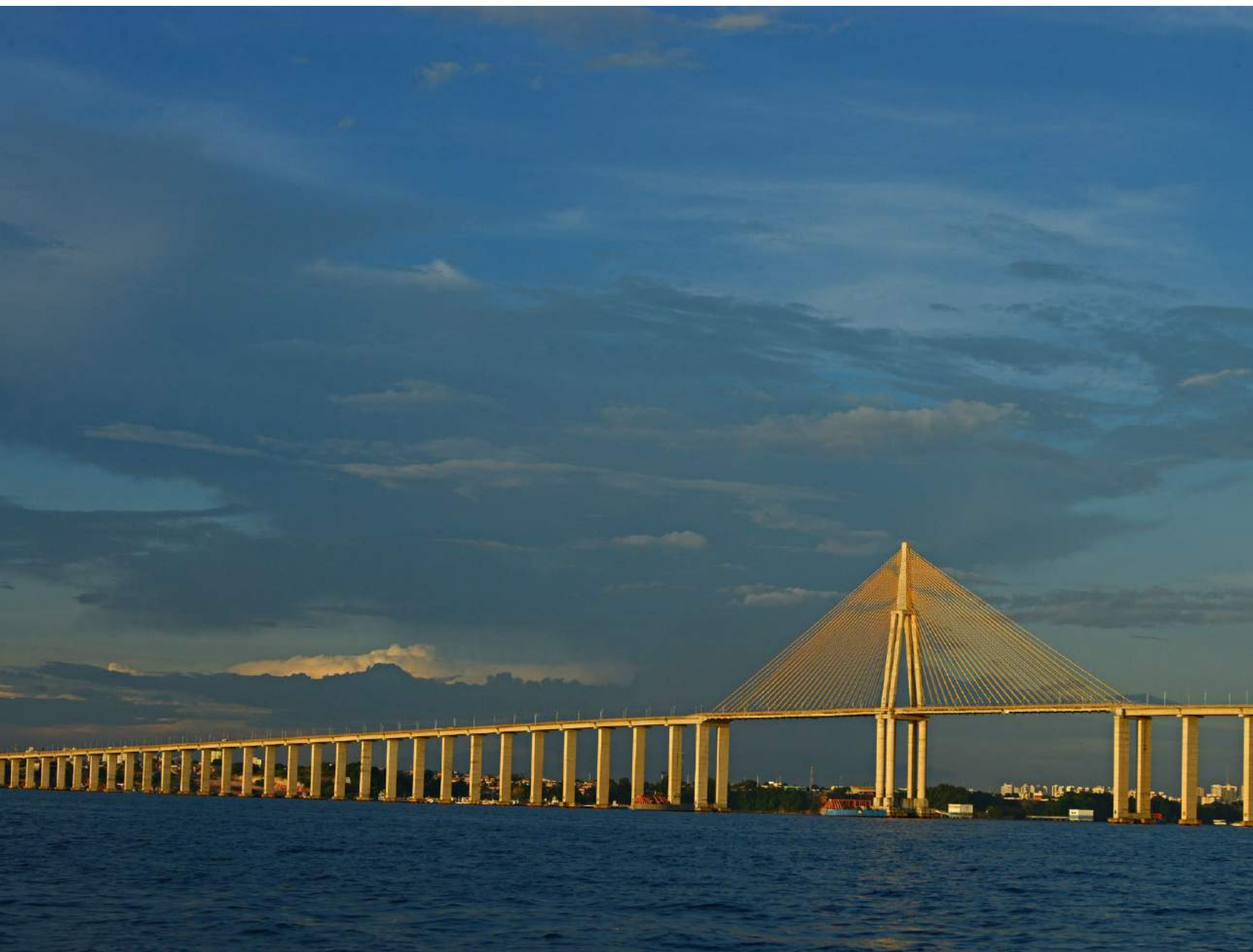
Com novas ações pedagógicas, reduzimos a evasão escolar em mais de 80%, alcançando o índice de 0,7% — o mais baixo dos últimos 20 anos. Criamos a Central de Logística da Semed, que acabou com problemas de abastecimento de merenda nas escolas e, mesmo durante a pandemia, colocamos em prática o programa “Nossa Merenda”, que concedeu auxílio no valor de R\$ 50 a 58 mil estudantes da rede municipal de ensino, além da entrega de kits da merenda escolar para os mais de 240 mil alunos da rede municipal por meio do “Hora da Merenda”.

Nosso equilíbrio fiscal, referência em todo o país, possibilitou-nos realizar obras que mudaram a rede de ensino municipal. Saímos de uma creche para 22 unidades e ainda temos cinco para entregar. Fecharemos o ano com quatro Centros Integrados Municipais de Educação (Cimes) — dois prontos e outros dois em finalização. É um padrão nunca visto em escolas na cidade de Manaus.

Eu poderia citar muitas outras conquistas, mas finalizo destacando que temos um compromisso sólido com o futuro das nossas crianças, porque o verdadeiro caminho para o desenvolvimento só é possível por meio da educação.

Arthur Virgílio Neto
Prefeito de Manaus





O município de Manaus, com a imponência de seus edifícios e do Rio Negro à sua frente: palco de uma história inovadora que se tornou referência nacional

APRESENTAÇÃO



No início da minha gestão na Secretaria Municipal de Educação (Semed/Manaus), os indicadores educacionais da rede municipal — Taxas de Aprovação, Reprovação e Abandono Escolar — apresentavam percentuais não satisfatórios, e as unidades de ensino ainda não estavam mobilizadas a iniciarem um processo de gestão.

Nem todos sabem, mas Manaus possui a terceira maior rede pública de Educação Básica do Brasil, com aproximadamente 500 unidades de ensino, que atendem mais de 242 mil alunos. É uma rede que tem como principais características a diversidade, com escolas indígenas e ribeirinhas, e os múltiplos desafios igualmente proporcionais a sua grandiosidade.

De pronto, associei a missão da nossa gestão ao encontro das águas, em cujas margens nasceu nossa Manaus. O Rio Negro, um rio antigo e denso, relacionei aos nossos quase 13 mil professores; e o Rio Solimões, veloz e jovem, aos nossos alunos. Desse encontro nasce o grande Rio Amazonas, que é nossa Rede de Educação Municipal. Somos 15,8 mil servidores que desenvolvem trabalhos que impactam diariamente na vida de mais de 600 mil pessoas direta e indiretamente.

E, para de fato cumprir com a nossa missão de garantir uma educação básica de qualidade, assegurando o acesso, a inclusão, a permanência e a formação dos estudantes, desenvolvendo competências e habilidades adequadas às transformações sociais, bem como a valorização dos profissionais da educação, decidimos reorganizar a secretaria. Conseguimos implementar uma política de gestão arrojada, baseada em evidências, com metas e ações bem definidas. Construímos um trabalho feito a muitas mãos, envolvendo todas as áreas do órgão, desde a pedagógica à financeira, passando pela infraestrutura e logística. Sem deixar que essas metas se traduzissem apenas ações quantitativas, mas inspirando e motivando os educadores de modo que os resultados fossem a expressão de múltiplas ações qualitativas, que respeitassem as culturas amazônicas, o meio ambiente, as populações mais socialmente vulneráveis e, sobretudo, expressassem o nosso compromisso com uma educação cidadã e transformadora.

Como consequência dessa estratégia, exercendo uma liderança envolvida, motivadora e propositiva, conseguimos elevar significativamente os índices educacionais de Manaus. E fomos, aos poucos, envolvendo a sociedade em um grande projeto educacional

com foco no potencial das pessoas — educadores, famílias e estudantes. Avançamos e encaramos os desafios, sem nos imobilizarmos nas dificuldades, que são muitas, mas exercitando, a partir delas, os aprendizados coletivos.

Com o trabalho conjunto implantado, a aprovação dos estudantes chegou a 95,1% em 2019 — uma elevação de 7% quando comparada ao acumulado dos últimos cinco anos. Quanto ao abandono escolar, saímos de 2,7% em 2014, chegando a 0,7% em 2019 — uma queda de 74%. No Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), Manaus saiu da 20ª posição, em 2013, com nota de 4,6 para os Anos Iniciais e 3,4 para os Anos Finais, ficando entre as dez melhores capitais brasileiras, em 2019, com os índices de 5,9 (AI) e 4,8 (AF).

Muitas foram as transformações de impacto no aspecto pedagógico que refletiram diretamente na sociedade. As ações de incentivo à leitura, de combate ao abandono, de reforço escolar, de fortalecimento do engajamento familiar e de organização dos processos fizeram com que a Semed não apenas obtivesse elevação nos índices educacionais, como Manaus passou a ser a segunda capital brasileira que mais avançou na educação básica de 2013 a 2018, segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Nacionais Anísio Teixeira (Inep), do Ministério da Educação (MEC).

Os resultados foram alcançados com um grande processo de transformação na gestão, que passou a ser compartilhada e democrática.

Para mim, a escola pública é o braço do Estado mais próximo das crianças, adolescentes e suas famílias. Como tal, tem total relevância e assume importante protagonismo quando se trata da parcela da população mais socialmente vulnerável. Conscientizar as equipes desse papel transformador as inspira muito para desfocar dos limites e focar nas potencialidades do seu trabalho. Assim, a rede cresceu e continuará a apresentar bons resultados, tendo como reflexo a melhoria da qualidade de vida das crianças e adolescentes de Manaus.

Kátia Helena Serafina Cruz Schweickardt
Secretária Municipal de Educação (Semed)

SUMÁRIO

1 REVOLUÇÃO PEDAGÓGICA

Manaus e a trajetória de uma política pública municipal que se tornou referência brasileira em educação

2 A FORMAÇÃO INTEGRAL DO ALUNO

O engajamento das famílias, professores e gestores com um olhar ampliado para a educação no contexto das realidades de vida

3 O DIFERENCIAL DE UMA GESTÃO INOVADORA

A educação de qualidade requer planejamento com ações que reflitam no aspecto pedagógico, da merenda à logística do transporte escolar

4 A INSPIRAÇÃO NA DIVERSIDADE

A capital amazonense se diferencia pela educação do campo, das águas e da floresta, além dos desafios no meio urbano

5 DESAFIOS E APRENDIZADOS DA COVID-19

A gestão educacional colaborativa, compartilhada e democrática foi a chave para enfrentar a pandemia e deixou lições para o futuro



REVOLUÇÃO PEDAGÓGICA

Manaus e a trajetória de uma política pública municipal que se tornou referência brasileira em educação

O majestoso encontro entre os rios Negro e Solimões, quando as águas escuras de um beijam as pardas do outro para formar o rio Amazonas, em Manaus (AM), é uma cena repleta de simbolismos. Muito além da beleza natural, inspira reflexões, comparações. Metáforas da vida real, como uma em particular, que marca a identidade da maior metrópole da Amazônia e a destaca no cenário brasileiro: o grande projeto de educação transformadora nutrido pelas “águas” da formação integral do aluno, de um lado, e pela qualificação do professor, de outro, compondo uma trajetória pedagógica de luta e superação até desaguar no oceano de ganhos para toda a sociedade. Um enredo sem coadjuvantes, em que em que famílias, estudantes, gestores, professores e demais profissionais da educação são protagonistas de um importante legado para a escola pública municipal, tão superlativa quanto a floresta ao seu redor.

O engajamento do professor é essencial na educação transformadora

No palco do espetáculo, os personagens são agentes de mudanças, como um seriado de sucesso com novos episódios que parecem estar longe do fim. A narrativa tem, como fio condutor, um modelo pedagógico inovador, para não dizer revolucionário, que nos últimos cinco anos encontrou, na capital amazonense, campo fértil para florescer e se desenvolver. Na esteira de fatores sociais, econômicos, culturais e políticos motivadores,



a história reúne diferenciais caracterizados pelo desafio de uma educação devidamente planejada e preparada para, de fato, transformar a vida das pessoas diante das demandas e realidades locais de uma cidade que busca reduzir o quadro de desigualdade.

Educação integral — e também democrática, emancipadora, inovadora — elementos de uma equação complexa e dinâmica, em constante construção, com três rígidos pilares de sustentação: implantação de uma gestão de qualidade, valorização de pessoas, envolvimento das famílias e da cidade. “A qualidade não está unicamente na merenda escolar ou na beleza do prédio”, destaca Kátia Schweickardt, titular da Secretaria Municipal de Educação (Semed), que coordenou, junto com sua equipe, um trabalho desafiador envolvendo todos os servidores em seus diferentes papéis, parceiros, estudantes e famílias, com engajamento dentro e fora das escolas. “Chegamos a importantes resultados apesar dos baixos orçamentos e da crise econômica vivida no País ao longo desses anos”, aponta a secretária, reforçando que, para atingir esse alcance inédito, que diferencia o trabalho em nível nacional, “implantamos um grande processo de transformação na gestão”.

Foram estabelecidas metas mensais para acompanhamento de indicadores de gestão educacional, infraestrutura e logística, e administração e finanças, além da formulação dos fluxos de trabalho para estimular boas práticas e, no final das contas, ampliar a qualidade de atendimento e os resultados do trabalho pedagógico (veja mais no Capítulo 3).

A participação das famílias faz diferença no processo educacional dos estudantes

A EDUCAÇÃO DE QUALIDADE EXIGE GESTÃO E VAI MUITO ALÉM DA MERENDA E DA ESTRUTURA DAS ESCOLAS

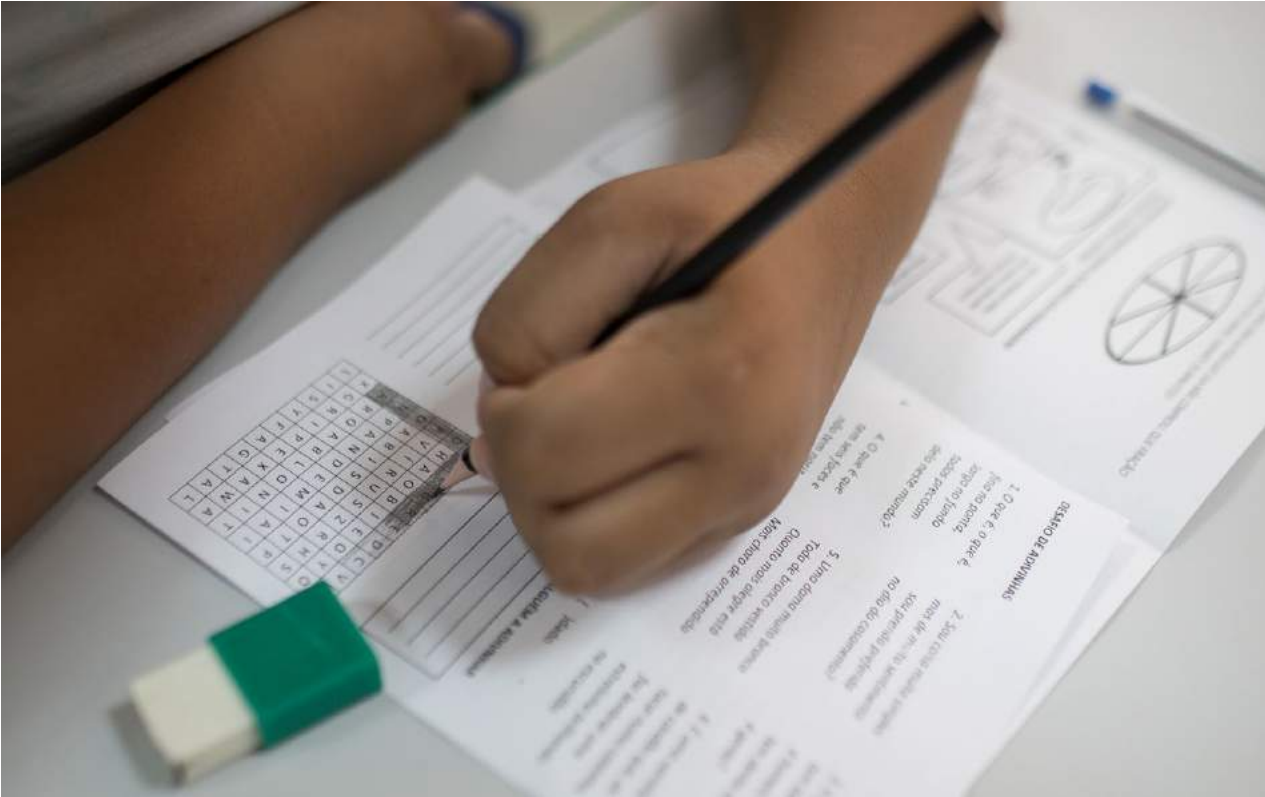
Novas metodologias foram criadas para estímulo à capacidade cognitiva

Transparência e interface entre os diferentes setores tornaram-se elementos essenciais na gestão. Planos de ação transformadores se incorporaram aos desafios das escolas, rumo a um novo modelo de educação, adaptado às realidades das famílias e baseado na formação integral — aquela que cultiva uma visão ampla para o todo; não como partes separadas de um corpo, mas conectadas, integradas. Compreender o estudante em suas múltiplas dimensões torna-se um lema.

O conceito de “integral” não se refere propriamente ao tempo, ao período de aulas em dois turnos, mas à abrangência da formação. Nada é imposto; tudo se decide de maneira participativa e coletiva. Apostilas cedem lugar a atividades interativas. Saem papéis e, quando possível, entram ferramentas digitais. Em lugar de reuniões, “rodas de conversa”; de salas de aula, “ateliers”.

A rede municipal reúne 496 estabelecimentos voltados à Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos, no total de 242 mil alunos e 12,8 mil professores. Até o início de 2020, treze unidades trabalhavam na linha da educação integral. Duas delas, reconhecidas pelo título de “escolas transformadoras”, fruto de um caminho que ano a ano consolida um novo paradigma, à base do diálogo e do engajamento, na perspectiva de se expandir para ampliar os impactos positivos até agora alcançados.

É um processo de responsabilidade compartilhada entre poder público e sociedade.



Acordo, diálogo, liberdade, autonomia e democracia são palavras comuns no vocabulário. Na formação integral, a educação infantil deixa de ser percebida unicamente como espaço para brincar. Ganha status como período decisivo para as próximas etapas da vida escolar e do próprio desenvolvimento psicomotor e cognitivo da criança, com efeitos na qualidade de vida quando adultos.

Participação cidadã, direitos e deveres, empatia e processos de diálogo são pontos trabalhados no modelo em que a educação está centrada no aluno. Vale não propriamente o que “quero ensinar”, mas “o que e como aprender”, na contramão do cenário conservador das escolas públicas brasileiras resistentes a sair da caixinha.

Os resultados do movimento pedagógico preparatório para as transformações, iniciado em 2015 e colocado em prática a partir de 2016 como se verá a seguir, indicam que a estratégia está no caminho certo. Manaus foi a segunda capital brasileira que mais avançou na Educação de 2013 a 2018, passando da 20ª para figurar entre as dezmelhores capitais brasileiras no ranking do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) 2019, divulgado em setembro de 2020. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o avanço nesse período foi de 44% e, nos anos finais, 55% — acima da meta do Ministério da Educação (MEC) para 2021 (veja nas páginas 35 a 37).

Atividades práticas interativas, como o cultivo de horta, estão associadas à realidade das crianças

HISTÓRIA EM EVOLUÇÃO

2015

02/02

Semed e Instituto Ayrton Senna iniciam parceria para elevar qualidade da educação municipal

23/04

Mais de 80 mil alunos da rede municipal participam da primeira Avaliação de Desempenho de 2015

30/04

Semed promove a 1ª Exposição de Educação Escolar Indígena

03/06

Campanha de combate ao desperdício de água e energia é lançada pela Semed

23/06

Plano Municipal de Educação é aprovado na Câmara Municipal de Manaus

2016

20/02

Pedidos de manutenção de escolas municipais começam a ser feitos por sistema de demanda eletrônico

13/03

Rede municipal de ensino inicia projeto-piloto da Educação Integral em escolas da Semed

01/07

Programa “Primeira Infância” é lançado em Manaus

10/08

Semed promove 1º Fórum Municipal de Educação do Campo

10/11

Semed realiza 1º Concurso de Programação e Robótica

13/12

Semed realiza 1º Seminário sobre Educação Integral com professores e gestores da rede municipal

2017

29/03

Semed lança Gerador de Simulado para Prova Brasil

20/04

Semed, em parceria com a Fundação Telefônica Vivo, lança projeto “ProFuturo Aula Digital”

12/05

Rede Municipal de Ensino de Manaus atinge metas previstas na Plataforma dos Centros Urbanos, do Unicef

17/05

Semed firma parceria com a Fundação Lemann para levar aulas de matemática interativas para mais de 7 mil alunos por meio da plataforma Khan Academy

19/05

Autorização para contratar operação de crédito junto ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para executar o Projeto de Expansão e Melhoria Educacional da Rede Pública Municipal de Manaus (Proemem), é publicada no Diário Oficial da União (DOU)

21/07

Manaus é a primeira capital da Região Norte a implantar a figura do monitor no transporte escolar

21/11

Semed realiza o 1º Fórum de Educação Integral

05/12

Manaus é primeiro lugar no Brasil em Prêmio de Educação de Trânsito, do Denatran

2018

10/01

Escolas da rede municipal começam a receber kits de robótica do Projeto do Clube de Linguagem e Programação e Robótica (Procurumim)

19/02

Crianças indígenas Warao iniciam estudos na rede municipal de ensino

01/03

Semed adere à nova Base Nacional Comum Curricular

02/03

Semed inicia implantação do Programa de Gestão da Alfabetização

21/03

Prefeitura lança programa “Empreendedorismo nas Escolas”

27/03

Semed adota Sistema Integrado de Gestão Eletrônica de Documentos (Siged) para tramitação de processos

31/08

Educadores da rede municipal assinam compromisso de alcançar 100% de alunos alfabetizados até 2021

03/09

Rede municipal de ensino de Manaus promove 1ª Feira Municipal de Matemática

14/11

Começam as obras dos Centros Integrados Municipais de Ensino (Cimes)

20/12

Lançamento do Programa Semed Escola Acessível e Segura

2019

14/02

Complexo Municipal de Educação Especial da Semed inaugura primeiro jardim sensorial de Manaus para auxiliar nas atividades com alunos autistas e com multideficiências

15/02

Semed inicia projeto que visa aproximar família e escola

25/06

Semed realiza 1ª edição do Mosaico Cultural da Educação com atrações gratuitas a profissionais da educação da rede

12/07

Prefeito assina Pacto de Metas Educacionais para Manaus

20/08

FNDE vem a Manaus conhecer o transporte fluvial escolar da Semed e afirma que pode ser usado como exemplo para outras redes de ensino do país

29/08

Semed realiza 1º Soletrando em Libras

04/10

Duas unidades de ensino da Semed garantem acesso a feiras internacionais

17/10

Prefeitura inaugura sala de transição educacional em abrigo de venezuelanos

2020

07/02

Prefeitura de Manaus entrega primeiro Centro Integrado Municipal de Educação (Cime)

12/02

Semed lança projeto “Protetores do Amanhã” com aula inaugural do Curso de Agente Ambiental Mirim

16/03

Prefeito de Manaus antecipa recesso escolar e anuncia novas medidas de prevenção à Covid-19

25/03

Prefeitura de Manaus e Governo do Estado firmam parceria e ampliam projeto “Aula em Casa” para 450 mil estudantes

14/04

Prefeitura de Manaus lança “Hora da Merenda”, que distribui kits de alimentação escolar a alunos durante a pandemia

29/04

Semed cria ferramenta para avaliar indicadores do projeto “Aula em Casa”

08/06

Alunos da Semed em situação de vulnerabilidade econômica e social começam a receber auxílio do “Nossa Merenda”

17/06

Prefeitura realiza pesquisa com professores, alunos e pais sobre retorno das aulas presenciais

29/06

Prefeitura começa testes para Covid-19 nos profissionais da rede municipal de ensino

13/07

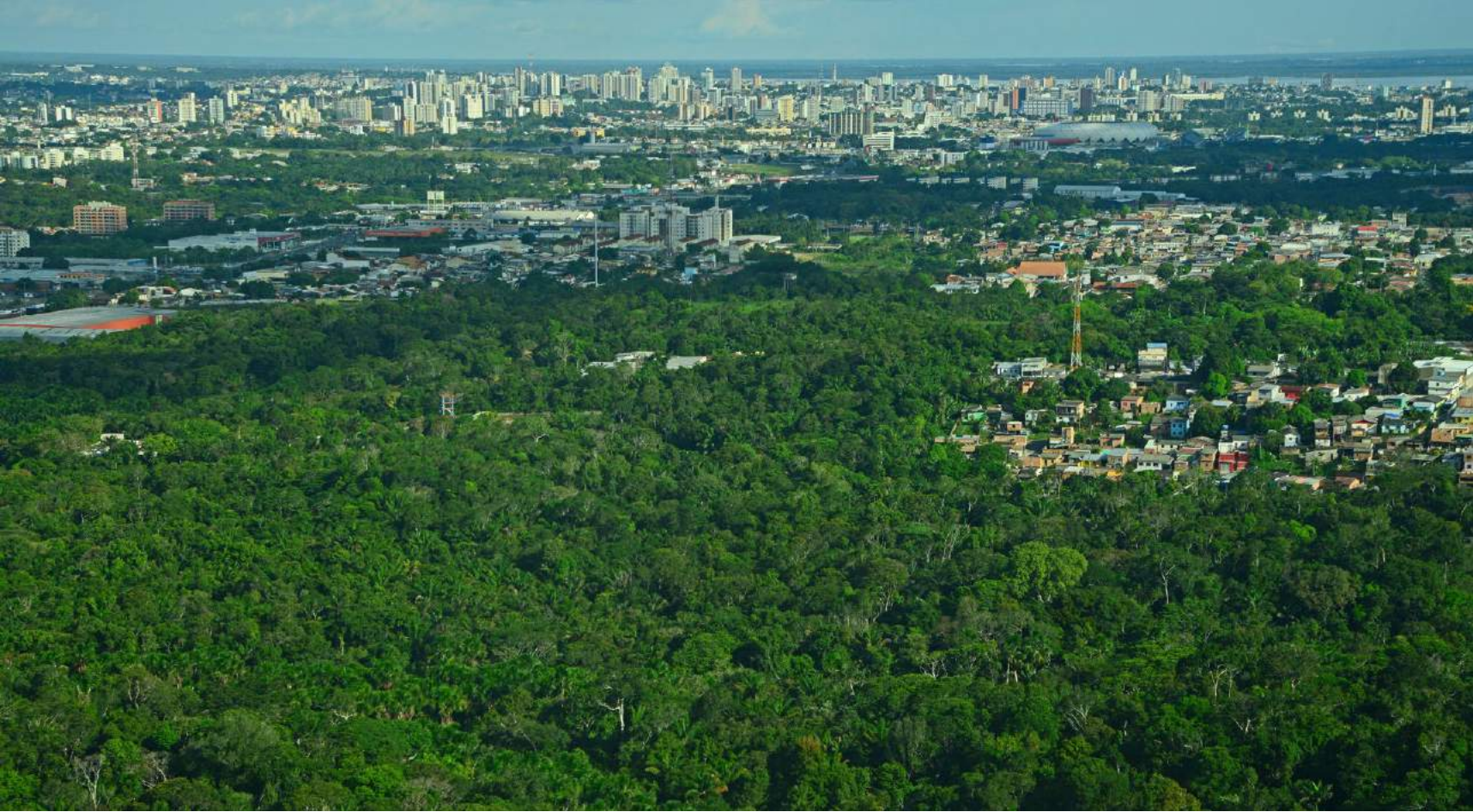
Rede municipal lança “Nem um a Menos”, campanha para auxiliar alunos sem acesso ao “Aula em Casa”

Como em outras capitais, a desigualdade social é uma importante questão enfrentada pela educação municipal em Manaus

Ao mesmo tempo, enquanto a taxa de abandono escolar diminuiu 84,8% entre 2013 e 2019, a de aprovação atingiu 95,1%, acompanhando o trabalho voltado para um processo de ensino e aprendizagem de qualidade. E os benefícios vão muito além das boas notas quando se sabe que a comunidade escolar como um todo, incluindo alunos e suas famílias, representa 600 mil pessoas — 27% da população de Manaus, capital que deposita na educação grande parte das esperanças para vencer os desafios sociais.

A cidade se diferencia por abrigar a Zona Franca de Manaus e seu Polo Industrial, que por cinco décadas movimenta a economia com geração de renda e empregos qualificados. Por outro lado, o poder público tem pela frente importantes questões socioambientais devido à contínua expansão de ocupações irregulares e deficiência no fornecimento de água, energia e saneamento básico, entre outros fatores de degradação, em grande parte resultantes do êxodo em busca de oportunidades na capital. As condições de vida estão diretamente ligadas aos desafios do serviço municipal de educação básica, cuja maior demanda está na população de baixa renda.

No bairro do Parque 10, a sede da Semed reúne a gestão central, que desenvolve o planejamento das estratégias educacionais com base nas diferentes necessidades captadas em campo e as irradia como um efeito dominó, interagindo com os demais setores até chegar às mais distantes escolas da rede. Nas paredes do andar térreo do prédio, os dizeres do suíço Jean Piaget (1896-1980), um dos mais importantes pensadores do século XX, retrata o tom do trabalho de lá emanado: “A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que



outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo o que a elas se propõe”.

Logo acima naquele saguão, a frase do educador e filósofo brasileiro Paulo Freire (1921-1997) completa a reflexão: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Não são expressões apenas decorativas. Em local nobre para que todos vejam, têm expressivo significado e correspondência ao ousado e inovador projeto público em curso.

Manaus reúne desafios na educação como maior metrópole da Amazônia

Origens de uma trajetória de sucesso

Alinhada a toda essa proposta de uma educação integral e transformadora para o desenvolvimento pleno e efetivo dos alunos, podemos afirmar que parte das raízes desse trabalho estão no bairro da Alvorada, Zona Centro-Oeste da cidade, onde se localiza um complexo escolar que chama atenção não apenas pela estrutura de prédios e áreas verdes, mas, principalmente, pelo ambiente transformador. O espaço representa o embrião da história que culminou na atual estratégia municipal de educação integral. Além da Escola Municipal Profª. Maria das Graças A. Vasconcelos, lá funciona o Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Hermann Gmeiner — a primeira unidade de ensino, de Educação Infantil, no Brasil, com o título de Escola Transformadora, e dirigida na época da transição pela professora Zilene Trovão: “Estávamos muito atrás nisso tudo



O modelo transformador respeita as etapas de desenvolvimento da criança com impacto positivo na idade adulta

e precisávamos romper com o passado, com forte apelo social e adesão das famílias”. Estavam em jogo mais do que bons indicadores, mas perspectivas de vida. “Então começamos um processo de construção baseado no modelo pedagógico construtivista, reconhecido pela gestão participativa e visão emancipadora”, relata Zilene, hoje gestora do Centro Integrado Municipal de Educação (Cime) Dr. José Aldemir de Oliveira, na Zona Leste, que foi inaugurado no início de 2020 e materializa o sonho dos pioneiros dessa trajetória no sentido de uma educação pública de qualidade (*leia mais à página 46*). Tudo começou em 2015, com uma provocação inspiradora no âmbito do Coletivo Escola Família Amazonas (CEFA) — movimento de pais e mães que à época buscava alternativas de qualidade para a educação dos filhos no ensino público, de forma a romper o tradicional paradigma baseado em escolas do século XIX, com professores do XX e alunos do XXI. O processo consistiu em mobilizar parcerias e desenvolver inovação pedagógica nos pilares da formação integral do aluno, adaptada às realidades locais. Assim, a ambição transformadora iniciada pela demanda de um grupo da sociedade civil acabou evoluindo e culminando, cinco anos depois, na grandeza do que foi construído

na educação pública municipal em Manaus.

A proposta para o desenvolvimento de um novo modelo, apresentada de início à escola então dirigida por Zilene, tinha sintonia com o trabalho realizado por uma organização não governamental, a Aldeias Infantis SOS Brasil, sediada na mesma área, em apoio à educação de qualidade como meio de romper o círculo vicioso de pobreza, violência e desintegração familiar. Em 1997, a organização, proprietária do terreno, cedeu edificações em comodato à prefeitura para a instalação das duas escolas municipais já mencionadas, junto às quais passou a desenvolver projetos sociais e de educação não formal nos horários de contraturno. E assim, na Hermann Gmeiner, foi germinada pela Semed e parceiros a semente da nova metodologia da educação integral.

“São necessárias políticas públicas que integram moradia, emprego e capacitação para o trabalho”, afirma Nelson Peixoto, gestor da Aldeias Infantis, em Manaus, onde as atividades acontecem em ambiente de convivência saudável, com espaço amplo, sem confinamento de alunos e professores entre paredes. Ele destaca: “Ousadia da mudança para uma educação centrada na criança, como o sujeito ativo que vive em uma família, é chave para promover autonomia e cidadania”.

O Hermann Gmeiner, hoje com 215 alunos da educação infantil, herdou o nome do visionário austríaco que fundou a Aldeias Infantis em 1949, na Europa, para auxílio a crianças órfãs da Segunda Guerra Mundial — projeto que, ao longo das décadas, criou mundo afora “vilas educadoras”, voltadas à população em situação de vulnerabilidade.

Construção colaborativa

Diante das poucas referências na literatura pedagógica, o desenvolvimento da proposta da educação integral e transformadora se deu de forma colaborativa. Foi um processo contínuo de escuta e aprendizado que integrou parceiros com experiência nesse modelo em outras regiões do Brasil. Além das mudanças na gestão e na formação dos professores, a aposta estava no vínculo entre famílias e escola.

Os pioneiros dessa jornada lançaram-se em vivências de estudo e visitas em São Paulo, nas quais 12 professores investiram recursos próprios para a viagem e acomodação em casa de dois cômodos, em 15 dias de contato com escolas de referência, como a Campos Sales (Heliópolis) e a Nelson Mandela (Limão), além de iniciativas como o Projeto Âncora, em Cotia (SP).

Nesse caminho, um dos principais marcos foi a realização do 1º Seminário CEFA de Educação Integral, reunindo especialistas de renome, a exemplo do português José Pacheco,

A EDUCAÇÃO INTEGRAL NA REDE MUNICIPAL FOI ALIADA A UMA DEMANDA DA SOCIEDADE

ANÍSIO TEIXEIRA, ÍCONE DA EDUCAÇÃO INTEGRAL

A concepção de educação integral, com significado ampliado de escola em seus componentes sociais e culturais, se desenvolveu no Brasil nas décadas de 1920 e 1930, abraçada por diferentes correntes ideológicas. Uma delas olhava para a educação como instrumento de reconstrução das bases sociais para o desenvolvimento democrático, o que exigia indivíduos formados para a cooperação, participação e emancipação. O jurista e educador baiano Anísio Teixeira (1900-1971), expoente do pensamento social brasileiro à época, foi um dos principais defensores do modelo.



A ampliação das funções da escola, incluindo a socialização e a preparação para o trabalho e cidadania, constituiu para ele uma recorrente preocupação a se adequar à realidade brasileira. Suas ideias inovadoras de uma educação popular influenciaram reformas do sistema público de ensino na primeira metade do século XX até desembarcarem na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em 1961. Ao longo dos anos, essas premissas tomaram impulso diante do crescente processo de urbanização e in-

dustrialização — e da consequente desigualdade social que gerou um forte apelo pela valorização e transformação da educação escolar e de seu viés utilitário.

No livro *Educação Não é Privilégio*, escrito em 1953, Teixeira apresentou e desenvolveu a concepção de uma escola não elitizada, voltada à formação "comum" do homem, ligada ao trabalho, à prática e à ciência que informa esse cotidiano. O antigo espaço exclusivo de instrução muda para fazer as vezes da casa, da família. E oferece à criança "oportunidades completas de vida, compreendendo atividades de estudos, de trabalho, de vida social e de recreação e jogos", escreveu Teixeira.

idealizador da Escola Básica da Ponte (Portugal) e Pilar Lacerda (Fundação SM), e nomes importantes da academia na especialidade, como Helena Singer (Universidade de São Paulo).

À base de muita informação e conversa interna com o corpo docente, a etapa seguinte foi colocar a proposta em prática — desde trabalhar novas metodologias e conteúdos com interações e brincadeiras até as mudanças na gestão. O antigo modelo de quatro horas de aula e 15 minutos de lanche foi ampliado, o que exigiu esforços adicionais na formação do professor, de modo a romper com padrões que mostravam ineficientes, seja na relação com as comunidades, seja na taxa de evasão escolar, na burocratização ou no processo que desestimulava o trabalho do educador.

O movimento, ainda mais desafiador quando se pensa em educação infantil, fluía na direção oposta de rótulos que marcam a imagem da escola pública como um espaço descuidado de baixa qualidade de ensino. O currículo tornou-se algo vivo, que interage com a realidade do território e da vida dentro de casa — não mais baseado no formato de educação que pais e professores receberam quando criança. O importante, necessariamente, não é ler e escrever já na infância, pulando etapas do processo de desenvolvimento, como é convencional hoje em dia, na visão de quem critica "crianças que brincam debaixo de árvores e não estudam".

Se antes, como seria natural, a novidade enfrentou resistência, hoje as escolas municipais

O Espaço Sonoro/Quintal Musical, da Escola Herman Gmeiner, abriga brincadeiras e atividades lúdicas que fazem parte do modelo pedagógico



de educação integral de Manaus são disputadas como referência de qualidade por famílias de diferentes perfis sociais. No meio pedagógico e na mídia nacional, o reconhecimento veio de diversos lados, ajudando a aumentar o engajamento e a fortalecer o projeto nascente como potencialmente replicável na região e no Brasil, em benefício de milhões de jovens.

Reportagem da revista *Exame*, em 2016, contou “Como Manaus Passou de Ano”, entre outros tantos destaques, incluindo a classificação entre os sete melhores municípios brasileiros em educação pelo Programa Avançado de Implementação de Políticas Públicas de Desenvolvimento da Primeira Infância — iniciativa da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal em parceria com Fundação Lemann, Teachers College, da Columbia University, e CEIPE FGV.

A visibilidade pelos prêmios e reconhecimentos atraiu apoio político e novas parcerias. “O mais importante e único de Manaus foi a condução do processo de baixo para cima, com participação da sociedade civil e olhar para as necessidades das famílias, não apenas para a merenda da escola”, avalia Flavio Bassi, vice-presidente da Ashoka América Latina para a estratégia de empatia. A organização conferiu o título de escola transformadora à Hermann Gmeiner, a primeira de educação infantil a conquistar o importante reconhecimento no Brasil, em 2018.

Os espaços pedagógicos do Cime foram planejados para o novo modelo de educação



“Não chegamos para levar soluções prontas, mas para reconhecer o que foi iniciado para que despertasse força política e ficasse ainda maior”, completa Flavio. Ele diz que o trabalho da Semed, em Manaus, é difícil mas perseverante, ao contrário de outras experiências no Brasil, em que municípios foram sensibilizados e apoiados, mas, por uma série de motivos, não avançaram no projeto, às vezes visto como algo excêntrico ou marginal. “O protagonismo dos estudantes é uma dimensão essencial, mas quase sempre a mais esquecida”.

Seis meses após o início da parceria, o seminário de encerramento reuniu 56 professores de Manaus e municípios vizinhos para troca de experiências no processo de transformação que o novo modelo exige. Um momento comovente foi a leitura de poesias de crianças inspiradas na vida de professores, demonstrando o potencial das interações para quem até então priorizava salas de aula com apostilas devido ao calor amazônico lá de fora. “Sapato novo incomoda”, compara Flavio, para quem um dos principais desafios está na continuidade: “Ter base na sociedade é um antídoto contra retrocessos, mas não uma garantia”, em cenário de maior hostilidade político-ideológica ao papel da educação. Por outro lado, completa, o conceito integrador está mais aberto ao diálogo entre pontos de vista diferentes. “Talvez porque colocamos o foco na capacidade de agir, e não querer jovens passivos é apelativo para qualquer um dos lados”

O Festival Olímpico da Educação Infantil é uma atração do novo jeito de ensinar nas escolas ribeirinhas de Manaus

ALFABETIZAÇÃO, A MAGIA QUE TUDO TRAZ À LUZ

Ao passar no concurso público e migrar do interior da floresta para a capital, o desafio inicial foi ajudar alunos com distorção idade-ano para que pudessem recuperar o tempo perdido e avançar. Após a pós-graduação em educação matemática, surgiu o interesse em pesquisar a dinâmica da alfabetização e seus fatores de sucesso com o uso de tecnologias — trabalho que lhe rendeu o prêmio de “professor alfabetizador” na Escola Municipal Madre Teresa de Calcutá.

“Sempre fui instigado a mudar a realidade”, revela Francinaldo Nogueira, hoje coordenador do Programa de Gestão da Alfabetização (PGA) da Semed. “No interior, via meu pai com dificuldade de escrever o próprio nome.”

“O principal segredo para mudar realidades está no planejamento”, diz Francinaldo. Segundo ele, os alunos são periodicamente classificados em diferentes perfis, conforme as habilidades deles, para acompanhamento escolar com o suporte de professores assistentes, que cursam a graduação em universidades parceiras. Os resultados dessa avaliação são apresentados em encontros formativos quatro vezes ao ano. “A gestão com esses dados é essencial para verificarmos se a política de alfabetização está dando certo”, explica Francinaldo.

O compromisso é alfabetizar 100% das crianças até o final do 3º ano, conforme as metas dos planos nacional e municipal de Educação — índice hoje de 94,7% na rede municipal de Manaus. Nessa perspectiva, a Semed desenvolve um programa específico em 78 unidades de ensino, abrangendo 32 mil estudantes, com apoio de parceiros, como o Instituto Ayrton Senna (IAS) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

O planejamento prevê submetas, como, no mínimo, 98% de frequência de aluno e professor, e não mais que 1,5% das tarefas de casa podendo deixar de ser feitas. As escolas devem realizar 12 experimentos científicos por mês associados ao contexto da alfabetização, além da leitura de pelo menos 30 livros por ano (um por semana). Cartazes nas salas de aula apontam os nomes das obras lidas e o nível de satisfação de cada aluno, que escolhe os livros na biblioteca e pode levá-los para compartilhar a leitura em casa com a família.

Como forma de se expressar no processo de alfabetização, os alunos são incentivados a registrar o que experimentaram — o que rende boas histórias da vida real, além das contadas pelos livros. Uma delas tem como protagonista uma criança que tinha ótimo desempenho na escola porque lia livros garimpados no lixo pela avó, catadora de materiais recicláveis.

A educação integral forma jovens protagonistas para o mundo e não para passar no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). No mundo, instituições como a Organização dos Estados Americanos (OEA) e o Banco Mundial reconhecem pressupostos do modelo, como o princípio da empatia. “Mas falta chegar ao grande público e ao mundo do trabalho, que está se transformando e já tem a clareza de que estudar em boa universidade não é suficiente”, aponta Flavio. No Brasil, o papel das ONGs, associações e outras instituições na difusão dos princípios da educação integral tem sido essencial: “Os lugares onde a gente vê a rede pública funcionando melhor é exatamente onde ela consegue se alimentar dessa referência não escolar, como ocorreu em Manaus”.

Planejar é preciso

A demonstração do modelo com a necessária transparência, para a conquista de engajamento e melhoria contínua, exige dialogar com indicadores. “A formação integral é o fio condutor da qualidade de educação, mas os resultados só chegam com planejamento”, destaca Euzeni Araújo, subsecretária de gestão educacional da Semed/Manaus. Ela lembra que o salto nos índices do Ideb não foi obtido por acaso: “É resultado de metas audaciosas, porém possíveis”.

“A metodologia consiste em planejar, executar, avaliar e refazer caminhos”, detalha a professora, que está há 30 anos no serviço público e hoje lidera fronteiras múltiplas — da formação do professor à interação com políticas públicas e assessoramento às escolas, inclusive indígenas da área urbana e rural do município. Lidar com a diversidade é uma marca registrada desse trabalho (*leia mais no Capítulo 4*).

“Só conteúdo educativo não é suficiente. O desafio requer muito mais e isso recai sobre a escola”, ressalta Euzeni. Relatos de gestores, professores, famílias e alunos indicam, segundo ela, uma evolução. Algo intangível que está por trás dos números “melhora a autoestima e ajuda a incentivar o trabalho pedagógico, com ganhos na qualidade do aprendizado a partir do desenvolvimento da criança”.

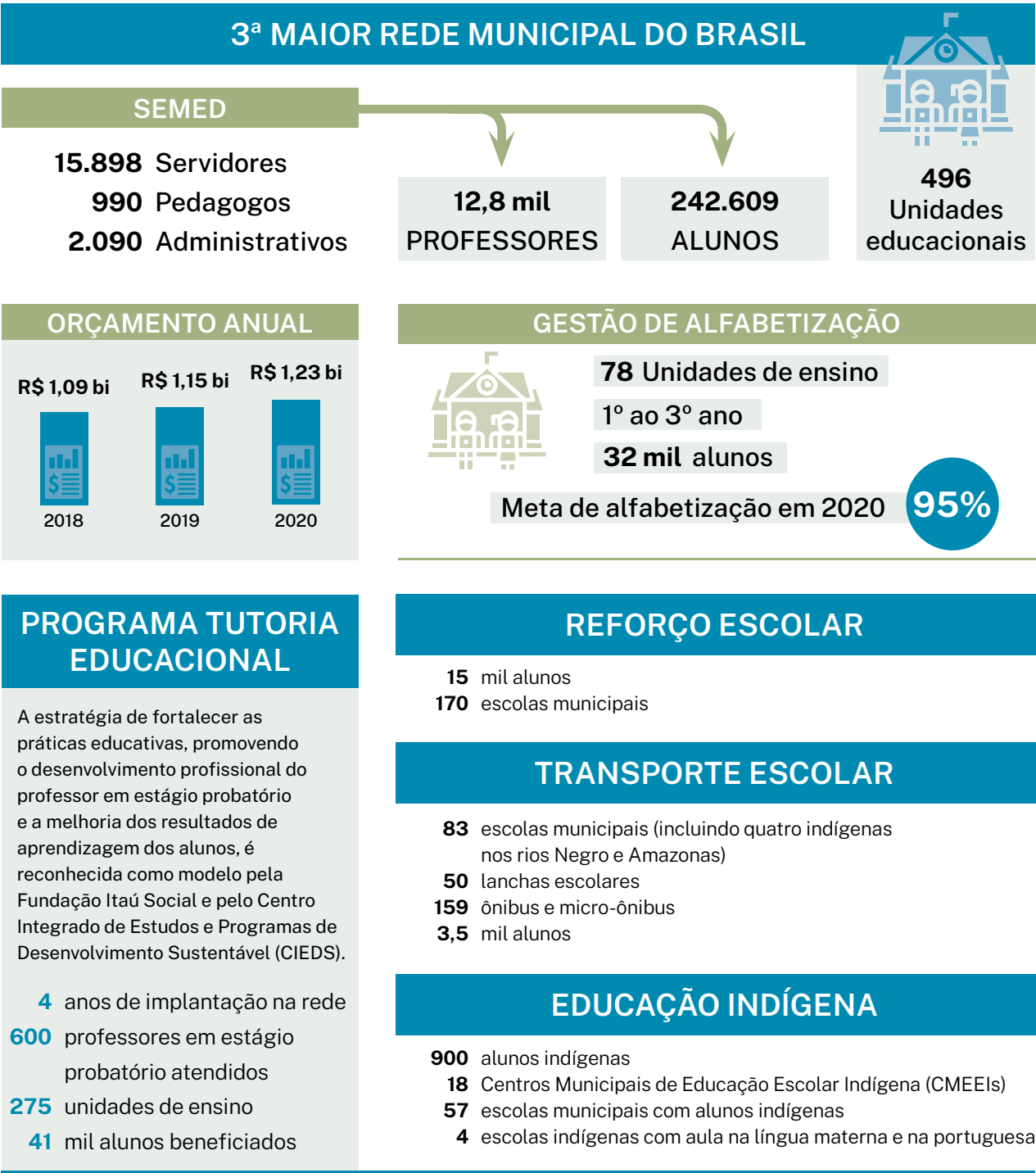
O objetivo, segundo Euzeni, é expandir o modelo transformador, especialmente após as lições da pandemia de covid-19, que escancarou os desafios da desigualdade social e teve, na cultura de relação com as famílias da educação integral, um aliado para superar o difícil momento (*leia mais no Capítulo 5*).

O ano de 2020, por essas e outras razões, colocou holofotes sobre o papel da escola e das mudanças de percepção necessárias para uma retomada consciente, sabendo-se que os jovens estudantes de hoje serão os futuros tomadores de decisão com poderes de transformações na realidade do mundo e do Brasil. Na maior cidade da Amazônia, isso pode ser decisivo para garantir qualidade de vida e uso sustentável da floresta, não apenas hoje, como no amanhã.



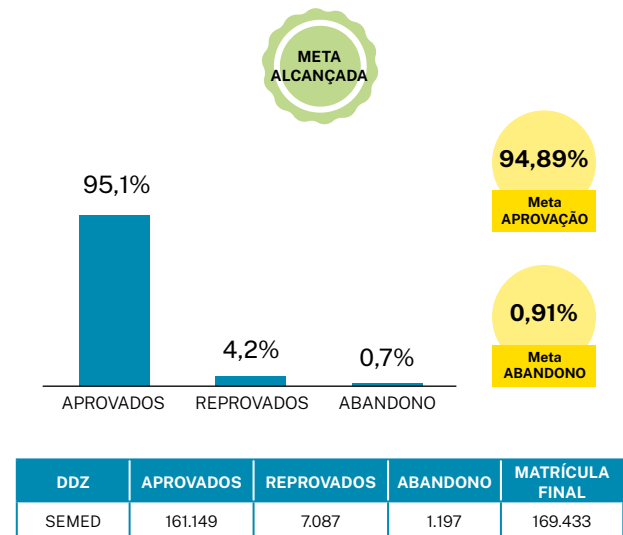
INDICADORES DA TRANSFORMAÇÃO

Os números da educação municipal, como a expressiva posição no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), indicam que Manaus está no caminho certo



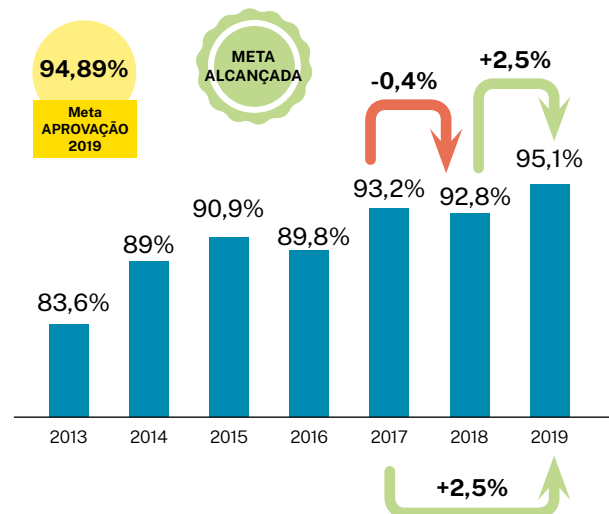
TAXA DE RENDIMENTO

TAXA DE RENDIMENTO FINAL EM 2019



Ainda há 1 escola em calendário especial.
Fonte: Base Rendimento RENDESC 2019 - Estatística SEMED. Data de corte 13/02/20.

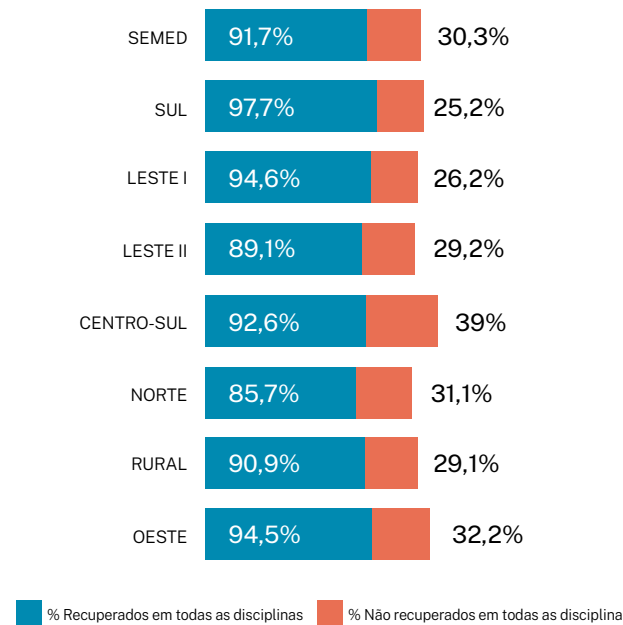
EVOLUÇÃO DA TAXA DE APROVAÇÃO ENSINO FUNDAMENTAL



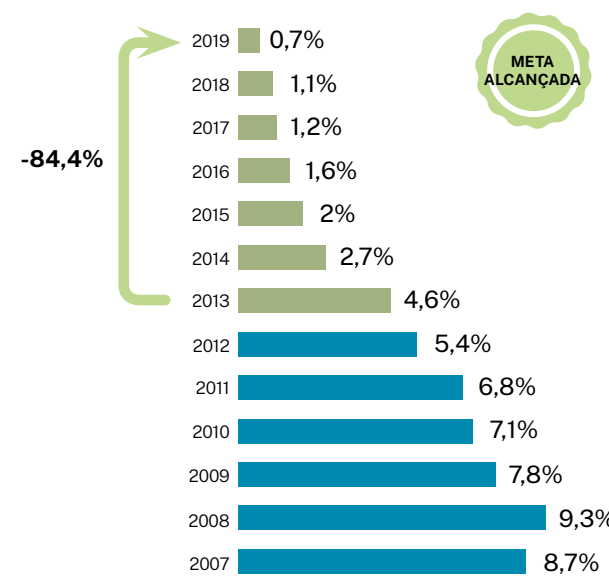
Ainda há 1 escola em calendário especial.
Fonte: Inep (2013 a 2017) e Base Rendimento RENDESC 2019 - Estatística SEMED. Data de corte 13/02/20.

ALUNOS RECUPERADOS NA MONITORIA – 4º BIMESTRE 2019

Esta análise mostra a % de alunos que **recuperaram em todas as disciplinas** na monitoria.



HISTÓRICO DA TAXA DE ABANDONO ESCOLAR – ENSINO FUNDAMENTAL



Ainda há 1 escola em calendário especial.
Fonte: Inep (2013 a 2017) e Base Rendimento RENDESC 2019 - Estatística SEMED. Data de corte 13/02/20.

ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (IDEB)

Manaus se destaca entre os municípios brasileiros melhores pontuados nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, resultado do modelo inovador de educação integral

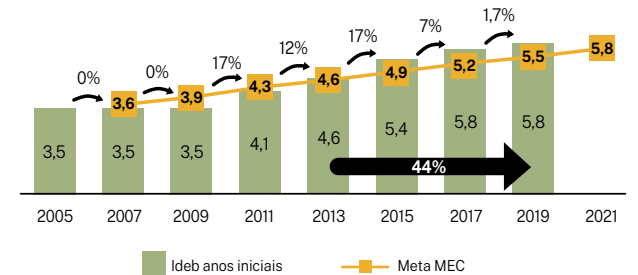
IDEB/ANOS INICIAIS

Da **20ª** para a **9ª** posição entre as capitais (2011-2019)

2ª capital que mais **avançou** em oito anos

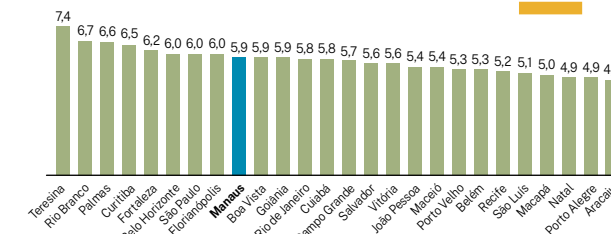
Meta do MEC para 2021 alcançada

- Manaus **cresceu 44%** no Ideb dos Anos Iniciais, nos últimos 6 anos (2013 a 2019), **já alcançando a meta estipulada pelo MEC para 2021**.
- Crescemos **1,7%** em relação ao **Ideb de 2017**.



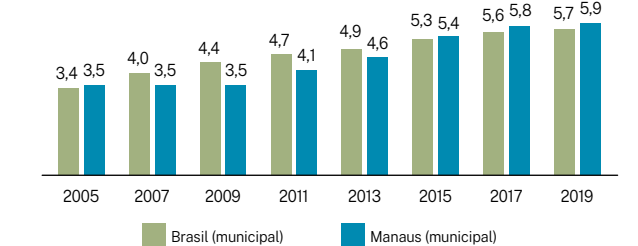
Fonte: MEC/INEP

Manaus está na **9ª** posição entre as capitais (IDEB 2019).



Fonte: MEC/INEP

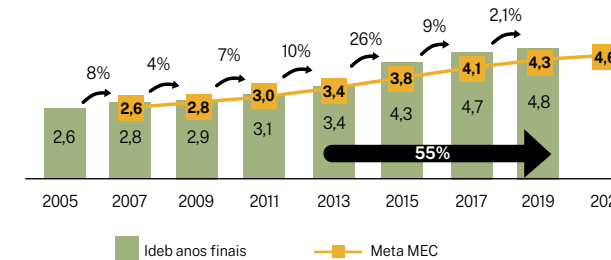
Manaus **supera a média nacional** do Ideb Anos Iniciais em 2019 (0,2 pontos acima).



Fonte: MEC/INEP

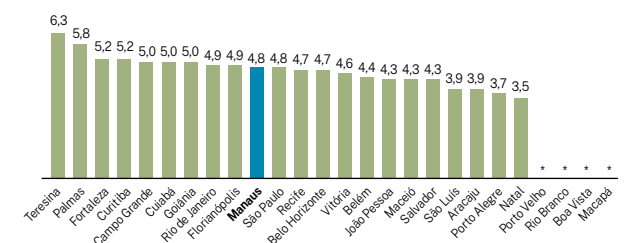
IDEB/ANOS FINAIS

- Manaus **cresceu 55%** no Ideb dos Anos Finais, nos últimos 6 anos (2013 a 2019), **já superando a meta estipulada pelo MEC para 2021**.
- Crescemos **2,1%** em relação ao **Ideb de 2017**.



Fonte: MEC/INEP

Manaus está entre as **10 melhores** capitais do Brasil (Ideb 2019).



Fonte: MEC/INEP

* Sem resultado divulgado.



Sede da Semed em Manaus é o centro articulador das estratégias pedagógicas e da gestão da rede municipal



Comunidade Nova Esperança, no rio Cuieiras, reúne indígenas da etnia Baré, que lutam para manter viva a tradição cultural do seu povo





Pela primeira vez, escolas ribeirinhas recebem o Festival Olímpico da Educação Infantil



A FORMAÇÃO INTEGRAL DO ALUNO

O engajamento das famílias, professores e gestores com um olhar ampliado para a educação no contexto das realidades de vida

No Ramal do Brasileirinho, Zona Leste da cidade, o cotidiano de desafios devido ao estigma dos baixos indicadores sociais tem um forte aliado na busca de oportunidades para os adultos do amanhã. O *front* para transformações e melhores condições de vida está no Centro Integrado Municipal de Educação (Cime) Prof. Dr. José Aldemir de Oliveira, inaugurado em janeiro de 2020 — a primeira unidade do gênero criada pela gestão municipal com estrutura totalmente alinhada à concepção pedagógica democrática e moderna, na esteira das demandas do século XXI.

Com 9,5 mil metros quadrados e capacidade de receber 1,6 mil alunos, da Educação Infantil ao ano final do Fundamental II, a escola tem arquitetura arrojada, com sala multiuso, paredes móveis, quadra, sala de música, jardins internos e iluminação natural, no conceito de uma edificação sustentável. O amplo ambiente, aberto à comunidade, chama a atenção de pais e alunos para a possibilidade real de uma nova perspectiva de vida, ainda mais quando os gestores e os professores estão engajados na mudança.

No padrão “escola-laboratório”, seguido inclusive na educação infantil, não há espaço para as antigas salas de paredes com desenhos de bichinhos. O visual tem estilo minimalista, sem penduricalhos que desviam a atenção dos alunos, participantes de tudo que é construído no local. No contexto da formação integral do aluno, é estratégica a interação com as famílias, no propósito de melhorar a qualidade da educação e reduzir o problema da evasão escolar, e isso exige que um time especial entre em campo para o resgate de quem eventualmente ficou para trás.

O primeiro Centro Integrado Municipal de Educação (Cime) foi inaugurado em 2020 com estrutura para 1,6 mil alunos



“Situações de vulnerabilidade, como violência doméstica, desagregação familiar, alimentação precária e outros riscos sociais, prejudicam o desenvolvimento infantil e levam a problemas motivacionais e cognitivos, como o déficit de atenção”, explica Juciana Cruz, coordenadora do Centro Municipal de Atendimento Sociopsicopedagógico (Cemasp). São variados perfis profissionais: pedagogas, psicopedagogas, fonoaudiólogas e psicólogas — todas voltadas ao desafio de identificar pontos críticos e buscar soluções.

O processo envolve ações preventivas, busca ativa por meio de visitas a famílias e posterior monitoramento do aluno. “É preciso entender os fatores que influenciam questões como bullying e dificuldade de aprendizagem e outros motivos pelos quais eles não querem ir para a escola”, afirma Juciana. O trabalho se concentra no perfil de 7 a 8 anos e 11 meses do Ensino Fundamental, além de medidas de prevenção junto aos pais ou responsáveis, no caso da Educação Infantil.

“O objetivo não se restringe à volta para a escola, mas também ao bem-estar”, observa a coordenadora, lembrando que são desenvolvidos projetos atrelados a essas ações para a permanência daqueles que retornaram. Em 2019, foram realizadas 5,4 mil visitas domiciliares,

Zilene Trovão, diretora do Cime Prof. Dr. José Aldemir de Oliveira, foi uma das pioneiras na trajetória da educação integral da Semed

com o resgate de 4,2 mil alunos — “um resultado bastante positivo, dadas as circunstâncias rotineiras do trabalho, envolvendo não somente chuva e sol, mas também as dificuldades impostas por gangues”. Uma solução é a proposta “telerresgate”, além da aposta nas ações preventivas nas escolas, com acordos de compromissos estabelecidos junto aos pais.

Ao mesmo tempo, as escolas recebem assessoramento sociopsicossocial de modo que possam avaliar em melhores condições a situação do aluno previamente à matrícula, quando é verificada a Ficha de Comunicação de Aluno Infrequente (Ficai), instrumento também utilizado em caso de ações junto ao Ministério Público ou Conselho Tutelar.

No campo pedagógico, o modelo transformador prevê o Programa de Tutoria Educacional, com foco no professor em estágio probatório. Funciona como suporte, auxílio e acompanhamento ao profissional que, na maioria das vezes, ingressa na rede após passar em um concurso público, mas não tem a experiência da prática em sala de aula. Implantada há quatro anos na rede, a iniciativa foi considerada referência nacional pela Fundação Itaú Social e pelo Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável (Cieds). Até o momento, o programa envolveu um total de 600 professores em estágio probatório e beneficiou mais de 41 mil alunos.

O diferencial da formação de professores

Segundo a chefe da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério (DDPM), Rita Ester de Luna, a socialização de práticas, em encontros periódicos de três dias entre os professores, é uma estratégia “cada vez mais valiosa diante do desafio de uma inovação pedagógica, com a necessidade de aproximar a teoria da prática”. Há 30 anos no magistério, com passagem por diversas funções e mestrado e doutorado na temática, a gestora ajudou a consolidar as bases da política de formação de professores da rede municipal com o diferencial da educação integral.

“Antes mesmo de 2015, já havia um projeto de formação profissional que considerava as lacunas e mostrava a necessidade de aproximar qualificação e gestão, com base em avaliações internas e externas”, conta Rita Ester. Atualmente, o modelo tem duas vertentes principais. Uma delas é a formação em serviço *in loco*, na escola, para a reflexão conjunta de soluções. A outra consiste no caminho para a qualificação chegar mais longe e a mais profissionais por meio de uma rede colaborativa de formação continuada. Nela é definida uma estratégia geográfica de escolas-polos para concentração das atividades com professores, em parceria com universidades. As temáticas variam de acordo com necessidades das escolas em cada uma das sete Divisões Distritais Zonais (DDZs) da

BUSCA ATIVA E ACORDOS COM AS FAMÍLIAS AJUDAM A RECUPERAR ALUNOS E REDUZIR O ABANDONO ESCOLAR



Semed – desde o desenvolvimento de projetos à elaboração do plano de estudos, por exemplo. “A visão interdisciplinar, os processos de escuta e os relatos sobre experiências de cada um são os principais diferenciais, com reflexos nos bons indicadores.”

“Trata-se de um processo em construção”, observa a professora Edmilza Ferreira, integrante dos grupos de pesquisa que deram suporte à implantação do novo modelo em Manaus, com a reorganização do sistema de currículo e dinâmicas. O Plano Municipal de Educação, segundo ela, estabelece a meta de 50% das escolas na formação integral, com pelo menos um quarto do total de alunos da rede, até 2025. “Estamos no caminho, mas as equipes precisam abraçar a causa, com disposição para contagiar outros gestores”, afirma Edmilza, com a ressalva de que ainda há receio porque a expansão do modelo requer “logística, estrutura e quadro de professores compatíveis ao regime”.

Dar a volta por cima

A Escola Municipal Dr. Sérgio Alfredo Pessoa Figueiredo, no bairro Presidente Vargas, popularmente conhecido como Matinha, passava por um delicado momento frente ao número de alunos, que caía, e ao desinteresse de pais e professores, que aumentava. A diretora Regeane Chaves então saiu a campo para motivar e engajar a comunidade.

Alunos da rede municipal criaram um sistema de bombeamento de água apresentado na Feira de Ciências da Amazônia e foram selecionados para a competição científica Genius Olympiad, em Nova Iorque



Ateliers desenvolvem oficinas em diversos temas

“Fui às casas explicar o novo projeto, pedir cooperação e parceria”, conta. Junto a iniciativas de maior organização escolar, aproveitamento de espaços ociosos e adaptação dos professores em função das expectativas e habilidades de cada um, os resultados foram visíveis: em seis meses, a escola subiu para as primeiras posições no ranking da avaliação interna da Semed.

“Nas conversas com as famílias, descobrimos que a maior razão para as crianças chegarem ao 4º ano sem saber ler estava na fome, causadora de situações de conflito que afetavam o aprendizado”, revela a gestora. Atividades de sensibilização com professores e funcionários em torno de relatos sobre a vida cotidiana dos alunos em um bairro marcado pelos desafios sociais da violência e do tráfico de drogas ajudaram nas possíveis soluções.

A gestão participativa estava entre as demandas apresentadas pela comunidade, e logo a unidade ganhou destaque como “escola-polo” na estratégia de formação de professores da rede municipal, com a meta de se tornar referência nacional em educação integral. E assim foi: em 2017, o quadro negativo havia sido revertido, integrando a qualidade do ensino, focada em elementos pedagógicos do novo modelo, à infraestrutura escolar. Naquele ano, o índice do Ideb atingiu 7,1, contra 4,3 em 2015.

As salas de aula, ou melhor, os “ateliers” de trabalho, possuem nomes de etnias indígenas e animais amazônicos escolhidos pelos alunos: tambaqui, aruanã, gavião-real... Cada qual com sua historinha na porta. São locais por onde as crianças circulam, de atividade em atividade, sem espaço fixo de aprendizagem como nas escolas tradicionais. Cada atelier é ocupado por um professor, conforme a temática de suas diferentes habilidades: ciências, música, língua portuguesa, artes, entre outras. Lá, o roteiro diário de estudos se integra a oficinas lúdicas voltadas ao desenvolvimento de ideias e soluções de problemáticas, links de conexão entre os conteúdos pedagógicos, e expectativas e realidades de vida dos alunos.

MATEMÁTICA, BICHO DE SETE CABEÇAS?

Tudo começou no mestrado em gestão ambiental, no curso de Engenharia de Produção. Lá, a professora Elissandra Rubin trabalhou com fórmulas e números relacionados às emissões de gases de efeito estufa, causadores do aquecimento global. Depois, pesquisou sobre o conceito de escola sustentável e levou a ideia para as iniciativas pedagógicas em Matemática, na Escola Municipal Vicente de Paula, no bairro do Japiim. Foi um passo natural.

No projeto Jogos Matemáticos Sustentáveis, estudantes do Ensino Fundamental constroem tabuleiros com materiais recicláveis, ajudam na conscientização ambiental para o problema do lixo e, ao mesmo tempo, desenvolvem o aprendizado com expressões numéricas, percentuais, conjuntos e planos cartesianos, por exemplo. “Trabalhamos a produção de resíduos na escola com dados estatísticos”, conta a professora, que apresentou o projeto no encontro anual de práticas formativas da Semed, em dezembro de 2019.

O projeto foi aprovado pelo programa Ciência na Escola (PCE), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas (Fapeam). “A ideia é ajudar nas questões do meio ambiente e mudar a imagem da matemática como um bicho papão. E, após essa primeira experiência, o plano é puxar novas temáticas, como o consumo de água e energia, e assim ir construindo o conceito de escola sustentável”, explica Elissandra. Ela argumenta: “O aluno precisa desenvolver-se preocupado com o amanhã”.

“A comunidade nos tem como referência”, atesta a diretora da escola, Maria Santana Cunha. Localizada em região carente da cidade, a Vicente de Paula serviu de abrigo para a população indígena na pandemia e tem como marcante característica a participação das famílias no aprendizado dos alunos. São três prédios frequentados por 1,3 mil alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, no período diurno, e da Educação de Jovens e Adultos (EJA), no noturno. A unidade abre as portas para estágio a universitários, o que representa uma chance para a academia sair dos próprios muros e chegar a quem precisa. “No modelo que acredito, o ‘nós’ prevalece sobre o ‘eu’”, diz Santana, lembrando que promover inovações ajuda a tornar os conteúdos atrativos, como é o caso do projeto Árvore de Livros, para incentivo à leitura.





A oficina de gastronomia destacou-se no prêmio Educador Nota 10, entre 50 finalistas do País

Às sextas-feiras, os Clubinhos trabalham projetos de vida envolvendo habilidades e saberes locais, cada qual com 12 meninos e meninas, com tutoria para reflexões sobre “onde estou” e “onde quero chegar”, dentro de um processo de escuta que tem a participação dos pais e ultrapassa os muros da escola, ampliando horizontes.

“Muitos mudaram hábitos alimentares e criaram horta em casa com o que aprenderam aqui”, conta Regeane. Em 2019, a escola foi finalista do Prêmio Educador Nota 10, realizado pela Fundação Victor Civita, além do reconhecimento pelo Crianças Mais Saudáveis, da Nestlé, tornando-se a primeira escola do município a ter uma cozinha experimental para educação culinária. Com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam), os alunos produziram um livreto com brincadeiras tradicionais, no projeto “Mais Brincadeira, Menos Tecnologia”.

“A escola foi a maior parceira no tratamento do meu filho”, afirma Graziela Arcanjo, mãe de Lucas, menino que apresenta transtorno opositivo-desafiador (TOD) — distúrbio infantil que se evidencia pelo comportamento agressivo e irritável, com prejuízos nos círculos de amizade. Um dos terapeutas consultados pela família recomendou a Sérgio Pessoa como escola, devido ao modelo de educação, integrado aos aspectos sociais e psicológicos. “Jamais podia imaginar que a sugestão seria uma escola pública”, confessa.

“Ele ganhou segurança e autoconfiança, e hoje é uma outra pessoa, já praticamente livre de medicamentos”, conta a mãe. Ela lembra que lá “o ambiente não é escolar, mas familiar”, e que isso é o ponto mais positivo na integração social do filho. Com o programa de alimentação

saudável, por exemplo, Lucas — adepto de comidas naturais — não sofria *bullying* pelos alimentos que consumia, como em outras escolas. “Do karatê à culinária, as atividades têm até higiene pessoal com banho de mangueira, em sintonia com os hábitos locais”, destaca Graziela.

Nunca é tarde demais

Idosos que, por várias razões e histórias de vida, não conseguiram se alfabetizar na idade certa, têm nova chance de aprender a ler e escrever. Mais que isso, a oportunidade é um modo de sentir que estão vivos e pulsantes. “O programa tem o objetivo de tirar o idoso do isolamento da própria família como se fosse uma pessoa invisível”, afirma Clélia Maia, coordenadora do Centro Municipal de Escolarização do Adulto e da Pessoa Idosa (Cemeapi).

Eles são atendidos em espaços não escolares de 27 instituições parceiras, como associações, igrejas, clubes, fundações e outras entidades, com professores, merenda e materiais didáticos cedidos pela Semed. Em 2020, são 32 turmas e 694 alunos. E desde o início das atividades, há duas décadas, foram beneficiadas mais de 10 mil pessoas, em três anos de formação. “Nas escolas convencionais, muitos desistem no meio do caminho devido à discriminação”, diz Clélia.

A gerente de Educação de Jovens e Adultos (GEJA), Alina Bindá, reforça que “o professor precisa estar mais do que preparado para lidar com esse público, que muitas vezes quer estudar como escape das suas realidades de vida e das experiências que já passaram”.

“Chama atenção a vontade de aprender”, observa Joel Cabral de Abreu, professor que até os 25 anos trabalhava na roça, em Iranduba (AM), e conseguiu entrar na faculdade de Psicologia, com foco em Gerontologia Social. Ele hoje atende 44 alunos, entre 80 e 84 anos, na Fundação Dr. Thomas, no Parque do Idoso, em Manaus. “Sei bem o que isso significa, pois venho de uma família de idosos, e meu pai tinha 67 anos quando nasci”, conta Joel, que “aos domingos não tinha diversão e ficava o dia ouvindo histórias dos antigos seringais”.

A aluna Francisca da Costa Barrancas, dona Flor, 82 anos, diz que já estava enjoada de fazer jogo da memória quando uma amiga a chamou para rever assuntos que estudou na escola e já não lembrava mais. “Encontrei uma professora que ensina com paciência, como uma segunda mãe, e me senti em casa”.

É um perfil de aluno que demanda uma estratégia especial. No cenário de maior expectativa de vida e envelhecimento da população, “além dos jovens, também os idosos

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DÁ NOVA CHANCE A QUEM, POR DIVERSAS RAZÕES NA VIDA, NÃO TEVE OPORTUNIDADE DE SEGUIR NA ESCOLA

contribuirão para o desenvolvimento da sociedade”, explica Cláudia Auzier, assessora pedagógica da Semed que atua na formação de professores para lidar com esse público. Em turmas multisseriadas, correspondendo ao período do 1º. ao 5º ano do Ensino Fundamental, cada aluno guarda lembranças de momentos do passado que o forçaram a parar de estudar. Mas, atualmente, há um aliado: o teclado do celular, que o ajuda a superar não exatamente a dificuldade de assinar o nome, e sim o maior dos desafios, que é se comunicar — retomando, muitas vezes, um mundo esquecido deixado para trás.

Recuperar o rumo na vida

Se para os idosos nunca é tarde, o que dirá para quem está na faixa dos 18 a 29 anos e não teve chance de concluir o Ensino Fundamental? A resposta está no Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem), conduzido desde 2005 pela Semed em parceria com o Governo Federal, em benefício de quem está em situação de vulnerabilidade. “O foco inclui alunos com tornozleira eletrônica em nova tentativa de continuar os estudos”, revela Nazaré Vicentim, coordenadora do programa, viabilizado pelo trabalho extra de professores da rede municipal no período noturno.

Além dos componentes do currículo comum, as atividades se diferenciam pela oferta de qualificação profissional e participação cidadã. Na mais recente edição, com duração de um ano e meio, o tema se concentrou na área de saúde: atendimento de laboratório de análise, balconista de farmácia e funções administrativas em hospitais e consultórios, com oportunidades de estágio para os alunos. Dos 1,4 mil inscritos, foram aprovados 488

Formatura do Programa Projovem: uma nova chance para estudantes de 18 a 29 anos



jovens que estavam condenados ao abandono escolar devido a inúmeros fatores sociais. “Alguns deles alcançaram o diploma do Ensino Médio por meio da prova eletrônica do Estado e entraram na universidade”, conta Nazaré.

Tecnologias que moldam o pensamento

E quando o desafio está na tecnologia inclusiva, mas especificamente no que se chama de “letramento computacional”? Projetos, como o da professora Michelle Nunes da Silva, da Escola Municipal Prof. Caio Carlos Frota de Medeiros, no Viver Melhor, em Manaus, ajudam a desenvolver modelos mentais típicos do cotidiano das crianças nos dias de hoje, marcado pelas tecnologias digitais. Ela trabalha a criação de jogos voltados à associação de ideias e à compreensão e solução de problemas, por meio de brincadeiras e interações, com foco na educação infantil.

Baseado em tecnologia desplugada, o projeto partiu da tradicional história infantil “João e o Pé de Feijão” para a construção de um jogo com materiais recicláveis pelas crianças, prevendo regras e soluções em linha com o pensamento computacional. A ideia, destacada em terceiro lugar no Prêmio Paratodos de Inclusão Escolar 2019, resulta do Projeto de Linguagem de Programação e Robótica (Procurumim) — iniciativa da Semed que objetiva fomentar práticas pedagógicas inovadoras aliadas ao currículo escolar, como clubes de robótica que trabalham a linguagem de programação, entre outros pontos.

A estratégia junto ao público infantil foi adotada no rastro da formação integral do aluno. “Nesse conceito transformador, a educação tecnológica teria que ocorrer desde cedo na vida escolar da criança, e não somente no Ensino Fundamental, em que os estudantes ganham kit para montar robôs, entre outras atividades”, explica Michelle.

O painel no corredor mostra a diversidade de culturas e línguas que diferencia a Waldir Garcia como uma escola inclusiva

A ESCOLA QUE FALA ESPANHOL E CRIOULO

Waldir Garcia se destaca por receber alunos estrangeiros, com deficiência e em situação de risco

Ela ocupa uma ampla área próximo a igarapés em uma comunidade de baixa renda, no bairro São Geraldo. O amplo espaço abriga playground com área verde, “chapéu de palha” onde são realizadas as assembleias, biblioteca, horta, sala de ciências e um bem equipado laboratório de informática. Entretanto, o que mais se destaca não é propriamente a estrutura, mas a revolução nada silenciosa que acontece dentro dela. Lá, aprender, pensar e refletir é tão importante quanto falar, correr, interagir e — por que não? — divertir-se, brincar e gritar. Com um diferencial: o acolhimento de alunos estrangeiros. Entre eles, venezuelanos e haitianos refugiados.

Para atender esse público, os funcionários têm aula de espanhol e crioulo falado no Haiti. No projeto “Temperos do Saber”, os alunos imigrantes reproduzem receitas gastronômicas típicas de seus países, aprendidas em casa. E a professora de língua inglesa é regente de um coral que utiliza a música como ferramenta de inclusão social.

Estamos na Escola Municipal Waldir Garcia, de Ensino Fundamental, pioneira do processo da educação transformadora, com proposta pedagógica que inspirou novas adesões ao modelo na rede da Semed. São sete horas diárias de segunda à sexta, incluindo almoço, descanso e 40 minutos de recreio. Além do currículo comum, é oferecida iniciação científica e filosofia desde o 1º ano do Fundamental, no cardápio de oficinas, incluindo literatura, língua inglesa, desporto, matemática lúdica, teatro e dança.

Mais que isso, “tudo é decidido de forma coletiva, no contexto de uma escola crítica e reflexiva”, afirma a diretora, Lúcia Cortêz, integrante desde o início do processo de construção colaborativa do modelo, marcado pelo convívio entre diferenças e respeito mútuo envolvendo tanto pais que usam tornozeleira eletrônica quanto pais que são professores de universidade.

Quando a Educação Integral começou a ser discutida na Semed, a metodologia foi submetida aos professores, para que decidissem se iriam abraçá-la ou não. “Tratava-se de algo muito diferente para uma escola antiga e tradicional que zelava pela hierarquia e disciplina”, conta Lúcia, lembrando-se do



que mais chamou a atenção: “o processo de escuta, indicativo do estilo de trabalho que estaria por vir”.

Arriscar o novo mostrou-se como saída essencial à própria existência da escola, que foi criada há mais de três décadas e, em 2015, enfrentava difíceis problemas de evasão e baixo nível de qualidade educacional. Além do desconfortável índice de reprovação, o abandono escolar fez o número de alunos cair de 618 para 215, e as várias salas fechadas indicavam algo de errado. “A tendência, se nada fosse feito, seria transferir os alunos para escolas de bairros vizinhos e fechar a porta”, conta a diretora. Além de tudo, diz ela, o prédio ainda corria perigo de ser demolido por obras de urbanização nas margens dos igarapés. “Não havia alternativa: era mudar para a educação integral, na busca de sermos mais atrativos, ou ir embora”.

E assim aconteceu. A avaliação formativa substituiu a competitiva. “Reprovação” é uma palavra que praticamente deixou de existir, e dessa forma, como importante contribuição do novo modelo, “ajudamos a reduzir a desigualdade social: todas as crianças importam”.

Entre as novidades da escola estão as tutorias de funcionários. Na atividade, cada servidor possui um mentor que contribui na sua formação continuada – no caso de Lúcia, por exemplo, a tutora é uma mãe de aluno. Há também o sistema de tutoria das crianças, com orientadores escolhidos por elas próprias, de modo a estabelecer vínculo de afeto e amizade para acompanhamento de sua trajetória na escola. “A pluralidade, a diversidade e o espírito de colaboração são motivo de orgulho, principalmente quando vemos o quanto esse processo amadureceu e cresceu.”

Lúcia Cortêz,
diretora
da Escola
Municipal
Waldir
Garcia: “Tudo
é decidido
de forma
coletiva”



Para garantir o direito de desenvolver o pensamento computacional, optou-se pelo emprego de metodologias sem acesso a computador, internet e outras ferramentas tecnológicas nem sempre disponíveis na realidade do público escolar de baixa renda.

“Queremos orientar as crianças a soluções para problemas que o mundo do trabalho exigirá no futuro”, afirma Aldemira Câmara, à frente da Gerência de Tecnologias Educacionais. Fascinada pelo trabalho com jogos e música, a gestora pesquisa recursos didáticos desde quando estagiária na Escola Municipal Irmã Dulce. “Era comum baixar joguinhos para ajudar na alfabetização”, conta.

No atual cargo, o desafio inicial foi organizar a área e projetos formativos, olhando para o futuro das tecnologias, com base nas necessidades das escolas e professores. Assim, estruturou a equipe conforme o conhecimento sobre as várias ferramentas e agora dedica atenção para melhorar o acesso a peças e manutenção do parque tecnológico. A pandemia de covid-19, diz Aldemira, “assustou pais, alunos e professores, obrigados a uma educação à distância, e acenou para a necessidade de ampliar o que já fazemos”.

A arte de aprender brincando

Fazia tempo que o professor de educação física, psicólogo e também chefe da Divisão de Educação Infantil Alexandre Romano tentava emplacar suas ideias ino-

vadoras de interação com crianças por meio de movimentos e brincadeiras. Até o dia em que foi desafiado a mostrar na prática a teoria apresentada nos vídeos. Para surpresa de todos, a atividade demonstrativa foi além de uma foto para registro no celular e tornou-se um momento de grande descontração depois que o professor perguntou à turma: “Gostam de brincar?”. Foi a senha para os “freios inibitórios” se soltarem pelo emprego de técnicas de ginástica que reduzem tensões, circuitos em zigue-zague e rodas de brincadeira que despertam o lado criança de cada um, até o relaxamento final e a produção de um desenho retratando a aventura.

“Assim validamos o nosso trabalho, aplicado em 249 unidades de educação infantil”, conta Alexandre. A iniciativa culminou na criação da Caravana da Educação, atividade que cresceu e hoje envolve 21 professores de educação física em toda a rede de educação infantil, atingindo 40 mil crianças de 3 a 5 anos. Desde 2015, com essa experiência, é realizado o Festival Olímpico, cujas provas são transformadas em brincadeiras em que todos saem felizes como campeões. As edições temáticas já abordaram lendas da floresta, quadrinhos e, neste ano, a homenagem foi para o Japão, sede dos próximos Jogos Olímpicos.

“A caravana ajuda nos conceitos da educação integral, com importante papel no aspecto cognitivo, desenvolvimento motor e estados de prontidão para aprendizados com leitura e escrita”, afirma Alexandre, com sonho de dobrar a abrangência do projeto.

O plantio de mudas de espécies nativas da Amazônia e brincadeiras ao ar livre fazem parte da pedagogia transformadora

"DESACELERAR, OLHAR O PRÓXIMO, DESPERTAR PARA O OUVIR"

O CMEI Hermann Gmeiner se integra às famílias, coleciona histórias de vida e tem vagas bastante disputadas

“Foi um trabalho de conquista para o professorado de despir do velho modelo, e isso envolveu um amplo esforço de qualificação e até adequação no concurso público”, conta Estela Nepumuceno, diretora do Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Hermann Gmeiner. No posto de liderança que ocupa, a professora participou do início da trajetória de Manaus como referência em educação transformadora, carregando na bagagem a experiência anterior no Ensino Fundamental, na Escola Municipal João dos Santos Braga, no Zumbi, em área urbana de palafitas marcada por tensões sociais.

O conceito de educação integral, anteriormente restrito ao campo teórico para a professora, ganhou dimensão prática, com alguns aspectos que mais a motivaram: “Os laços com as famílias, desses que nunca se desfazem e representam uma valorização mútua: quando os pais veem os filhos sendo respeitados, eles também respeitam a escola e desenvolvem uma relação de pertencimento”.

Para Estela, com o advento do modelo transformador, o trabalho na educação infantil ganha uma dimensão especial pelo fato de, historicamente, no Brasil como um todo, não ter a devida atenção. Diante dos orçamentos insuficientes, a prioridade vai para o Ensino Fundamental, que compõe a maior parcela de alunos em idade escolar, e assim se mostra estatisticamente mais representativo na estratégia de aumentar a cobertura da educação.

“Aprendi a ser mãe na escola do meu filho” — relatos desse tipo, diz Estela, mostram o trabalho mais valorizado e enchem de orgulho qualquer gestor. Em alguns casos, crianças pedem para serem ouvidas, mas os pais — educados na cultura tradicional — não entendem. Mas há boas surpresas, como a dessa mãe que se redescobriu como pessoa, fez o Enem e foi aprovada em Pedagogia, com planos de replicar o aprendizado.

Já Ana Ferreira Gurgel, a tia Ana, descobriu aos 45 anos o papel de educadora no trabalho em serviços gerais de limpeza na escola. Com apoio dos professores e demais servidores, primeiro conseguiu um estágio e, com a remuneração, pagou uma faculdade e deverá se formar no ano que vem.

Histórias assim são fruto de uma jornada motivadora, baseada em rotinas que vão da reunião de acolhimento no início do ano letivo, com café da manhã de boas-vindas para as famílias, até as assembleias destinadas ao debate de ideias, problemas e necessidades dos pais e da escola, os encontros dos grupos de responsabilidade para refinamento da escuta, as reuniões das famílias a cada três meses, os mutirões de pintura, limpeza e organização de livros e as rodas de leitura junto com os pais sob as árvores do entorno.

A contribuição das Municipíadas

Além das brincadeiras para os pequenos nas turmas de educação infantil, o esporte se consolida na faixa etária do Ensino Fundamental por meio das Municipíadas. A atividade foi abraçada pela Semed em 2015, incorporando-se à proposta de uma educação transformadora. “Buscamos contribuir com o processo de aprendizagem e o protagonismo dos alunos”, ressalta o coordenador de Educação Física da Semed, Ronnie Melo, com pós-graduação em gestão e marketing esportivo. Integrada ao calendário escolar, a competição ajuda a tornar jovens mais comprometidos, com reflexo na redução da evasão.

Com evento de abertura na Arena Amador Teixeira, o principal ginásio poliesportivo da capital, as Municipíadas mobilizam cerca de 50 mil alunos ao longo do ano, em diferentes etapas — das seletivas nas sete divisões distritais da Semed espalhadas na cidade até o ápice da fase final, em junho. São 19 modalidades, como basquete, vôlei, atletismo e judô, mas as atrações não param por aí.

A ideia ganhou uma grande dimensão com as Paramunicipíadas, para jovens com deficiência; as Municipíadas Mirins, destinadas aos primeiros anos do Fundamental; e as Ribeirinhas — essas últimas, voltadas às realidades locais de alunos que vivem fora da cidade, em comunidades acessíveis apenas por barco ou longas viagens de ônibus.

Futebol, queimada e jogos de combate, como o famoso cabo de guerra. “Como não aprender desse jeito?”, pergunta Ronnie, lembrando que o projeto promove empoderamento e valorização do capital cultural do aluno. O plano atual, segundo ele, é levar uma novidade aos jogos de 2021: as Municipíadas ambientais, com o uso de materiais esportivos produzidos com resíduos da floresta (cipós, borracha etc.) — trabalho de arte e design ecológico desenvolvido pelo professor Wanderlan Mota, da Escola Municipal Padre Puga, no bairro do Japiim, e da Universidade do Estado do Amazonas.

Jovens se preparam para competir nos jogos indígenas, na aldeia Nova Esperança





Escola Waldir Garcia promove formação sobre autismo para profissionais que atuam na educação



Atividades físicas e brincadeiras com movimento são estimuladas como importante elemento ao desenvolvimento psicomotor da criança





O DIFERENCIAL DE UMA GESTÃO INOVADORA

A educação de qualidade requer planejamento com ações que reflitam no aspecto pedagógico, da merenda à logística do transporte escolar

O processo de gestão com metas engloba desde os cargos de chefia até as escolas dos mais distantes bairros do município

Gerir a terceira maior rede municipal de ensino do país e cumprir a missão de oferecer educação pública de qualidade para um universo de 245 mil alunos e, ainda, valorizar profissionais de vários perfis, com certeza não seria tarefa fácil. Para encarar esse desafio, só mesmo colocando em prática um plano de gestão compatível, e foi isso que começou a ser feito a partir de 2015, quando também se iniciava o processo focado na principal razão de existir da Semed, que é levar educação de qualidade aos estudantes da rede municipal de ensino.

O plano de gestão participativa e de qualidade da educação tem cinco pilares: gestão estratégica, pedagógica, de competências, de processos e financeira. Cada um tem objetivos, indicadores e metas específicas, mas todos apontam para um denominador comum: a melhoria de índices educacionais e a transformação de vidas.

O primeiro passo foi justamente definir estratégias, identificar metas e propor meios para solucionar questões e desafios, garantindo, ao mesmo tempo, a sustentabilidade do sistema de gestão e do próprio funcionamento das escolas. Para ajudar nessa missão, a rede municipal de ensino contou com o apoio de uma empresa de consultoria internacional, o Instituto Águila de Gestão.

Uma metodologia própria no campo escolar foi especialmente desenvolvida para a realidade, a linguagem das pessoas e os processos em curso nas escolas municipais de Manaus, a Gestão Integrada da Educação (Gide). “Às vezes, é difícil mudar o pensamento e a cultura de servidores públicos, mas houve uma mudança especial na forma como tudo passou a ser tratado na Semed, e esse talvez seja o nosso grande legado”, exalta o subsecretário de Administração e Finanças, Thiago Sarubi.

A mudança para uma nova metodologia de gestão da educação começa por meio de treinamento. Diretores, professores, pedagogos e servidores administrativos das mais diversas áreas foram capacitados. Como trabalhar de forma integrada e sistematizada com todos os setores? Como gerar indicadores e metas, e analisar resultados? Como definir e acompanhar resoluções e, quem sabe, reavaliá-las e repensá-las?

Pedagógico, administrativo, logística, infraestrutura e finanças participaram das formações. “O modelo é transversal e abarca todos os departamentos. O maior impacto disso na rotina é que, com processos bem elaborados e claros, você consegue visualizar direto o problema e pode resolver uma situação com mais eficiência e rapidez. Do contrário, você atira para vários lados”, explica Musa Varela Rosas, coordenadora da Gide. “Não é que antes não havia processos, mas tudo era pouco sistematizado e registrado. Agora, a Semed sabe onde está e onde quer chegar.”

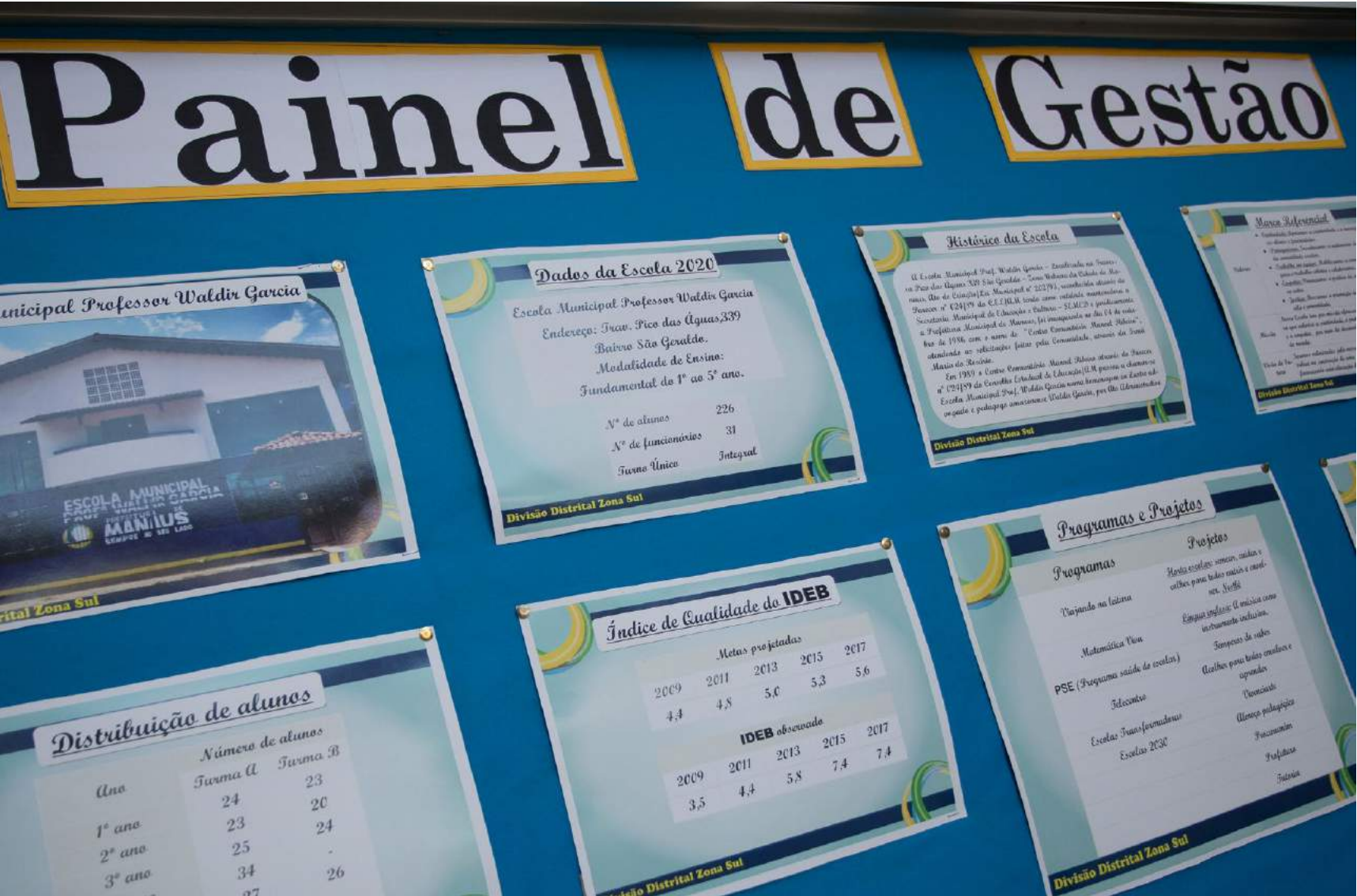
Fluxos olham o cuidado pedagógico

Sob o pilar da gestão pedagógica existem diversos fluxos, processos e indicadores a serem monitorados e cumpridos, desde a própria gestão da aprendizagem, que inclui reforço escolar e programas complementares, até o acompanhamento bimestral do cumprimento do currículo escolar, monitorias preventivas, assessoramento pedagógico e de gestão, avaliações de desempenho dos estudantes, desenvolvimento de relatórios sobre as metas e seus desvios, e atendimento especializado sociopsicopedagógico.

“Além do trabalho nas escolas, a gente acompanha os indicadores, que são resultado disso. Abandono, taxa de aprovação, taxa de alfabetização, AAD (Avaliação de Atividade Docente), Prova Brasil, indicadores finalísticos — tudo isso é o produto final. Os meios são justamente cumprimento do currículo, a gestão da aprendizagem, o padrão mínimo, e por aí vai”, afirma Musa.

Sob a missão de ser uma rede de educação de qualidade, a Semed não só conseguiu dominar a nova metodologia de gestão do ensino e aprendizagem, corrigindo desvios e lacunas, como aprimorá-la até ultrapassar expectativas. A taxa de aprovação dos estudantes em 2019, por exemplo, foi de 95,1%, acima dos 94,8% estabelecidos como meta. A taxa de abandono escolar reduziu a 0,7%, sendo que o objetivo era reduzir 0,8%.

“O MEC estipula metas para que todos possam alcançar, mas como a Semed alcançou um nível tão avançado de gestão, podemos traçar metas mais audaciosas em cima dos



Anice Maria Iskandar, diretora da Escola Municipal Profa. Jarlece da Conceição Zaranza: "Devemos aproximar a educação da vida real"

nossos próprios resultados”, conta a gestora. De acordo com ela, dentro dessa metodologia, cada escola também possui as próprias metas baseadas em cima dos próprios resultados, que, em conjunto, formam a métrica da rede municipal de educação. “A meta do MEC já batemos até 2021. Isso foi alcançado em 2017”, comemora.

E como esses resultados positivos são alcançados na prática? O acompanhamento bimestral é parte fundamental: mais de 100 assessores da Gide promovem, antes de encerrar os bimestres, monitorias preventivas com cada turma de cada escola, com entrevistas com professores e análises de desempenhos dos alunos. Ao identificar possíveis desvios, os monitores fazem ações corretivas com cada estudante, e, ao fim, é possível recuperar de 60% a 70% deles, o que melhora a aprovação geral da rede.

A estratégia de descentralizar

A descentralização da rede por meio das Divisões Distritais Zonais (DDZs) também foi fundamental na melhoria dos índices de educação. Funcionando como minissedes da Semed nas zonas geográficas da cidade, levam apoio pedagógico, administrativo e de infraestrutura para mais perto das escolas. E são os canais de comunicação direta com professores, pedagogos e diretores, bem como comunidades, repassando demandas da gestão central e levando de volta os índices dos relatórios captados pelos assessores em cada região.

São eles que aplicam as metodologias de acompanhamento pedagógico da Gide. “Cada DDZ tem uma gerência pedagógica; cada assessor fica responsável por acompanhar



cinco escolas com visitas semanais a cada uma. Com eles, conseguimos um feedback mais rápido e *in loco* sobre o ensino e a aprendizagem”, explica Selma Trindade, diretora do Departamento Geral dos Distritos (DEGD).

Atualmente, existem sete Divisões Distritais Zonais: a Oeste, responsável por assessorar 82 escolas, a Sul (68 escolas), a Centro-Sul (57), a Norte (66), a Leste 1 (72 escolas), a Leste 2 (68) e a DDZ Rural (83).

Antes, para resolver qualquer situação, o servidor precisava ir até a sede, o que se mostrava difícil no caso das escolas mais afastadas. Além de desafogar o trabalho da sede, a descentralização favorece ações mais adaptadas às realidades das diferentes regiões da cidade.

Competências, processos e finanças

Levantamento de dados, produção de relatórios, análise de indicadores, monitorias e resolução de problemas não são atividades exclusivas da gestão pedagógica. Diversos outros departamentos e setores da Secretaria Municipal de Educação (Semed) utilizam

Além do meio urbano, os desafios atingem a zona rural e ribeirinha do município



TERRITÓRIO DE AÇÃO

A gestão baseada em sete divisões distritais é estratégica para considerar as diferentes realidades sociais, econômicas e urbanas da cidade

DDZ I - Sul

“Cada aluno importa. Pelo comprometimento de todos, da merendeira à gestora, temos uma das melhores notas do Ideb em Manaus, fruto do trabalho desde a alfabetização” — Vera Lina, **Escola Municipal José Carlos Martins Mestrinho, Vila Amazonas.**

DDZ IV - Centro-Sul

“Uma educação transformadora baseia-se no rompimento das fronteiras do conhecimento. A formação de um cidadão autônomo e consciente exige um ambiente escolar que favoreça a troca de experiências” — Anice Maria Iskandar, **Escola Municipal Profª. Jarlece da Conceição Zaranza, Conjunto Amazonino Mendes, Novo Aleixo.**

DDZ II - Oeste

“Trabalhamos de forma liberal e dinâmica. Porém, com disciplina e organização, promovendo o diálogo junto a nossos 366 alunos do Fundamental I e Educação Especial” — Solo e Céu Lemos de Oliveira, **Escola Municipal Imaculada Conceição, Conjunto Ajuricaba, Alvorada.**

DDZ V - Leste I

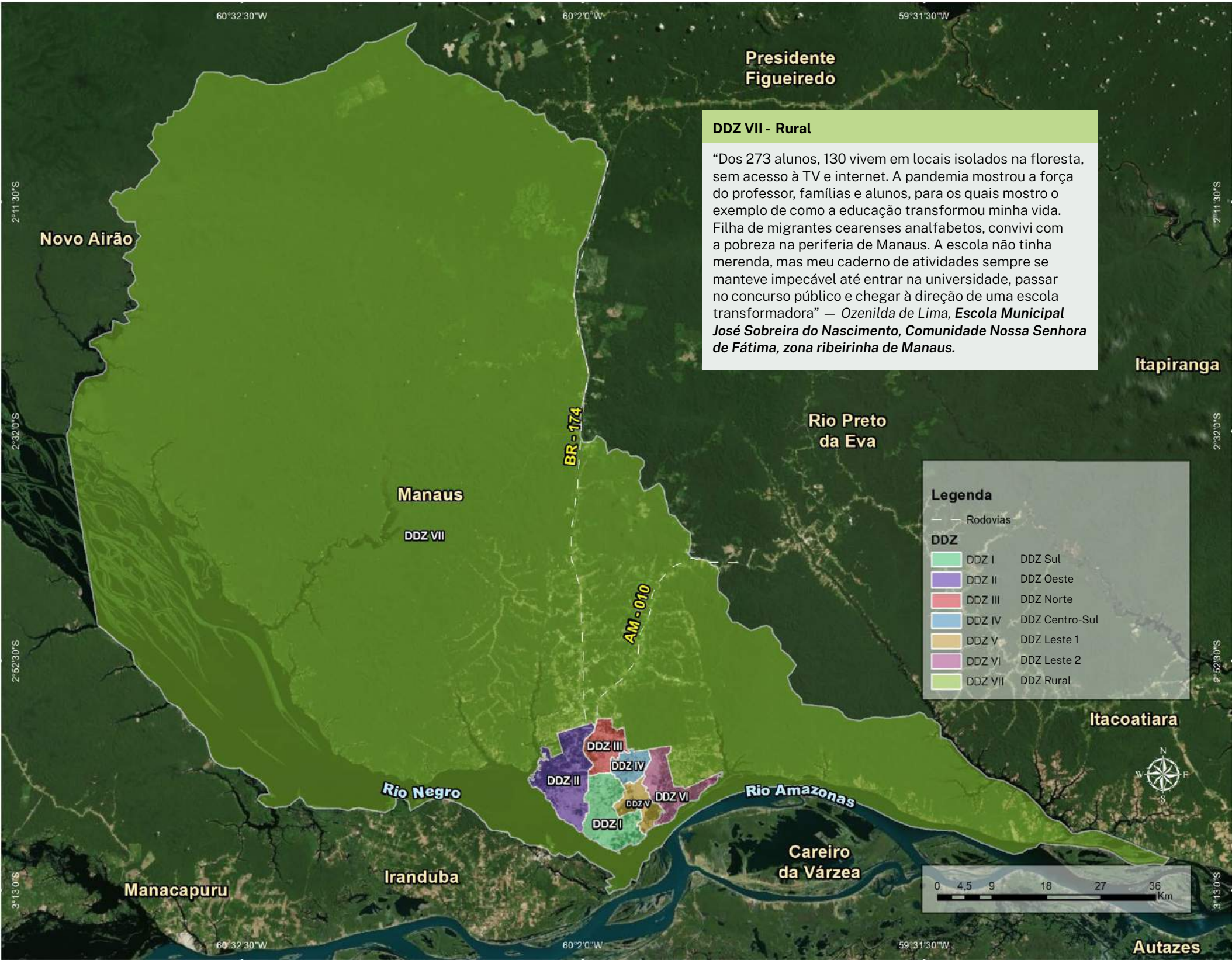
“O aspecto transformador da educação é indissociável à possibilidade de sonhar. Acreditamos na gestão democrática e participativa, voltada a melhorar índices de qualidade: aprovação, permanência escolar e alfabetização” — Maria Elina Lavareda da Silva, **Escola Municipal Engenheiro Antonio Nelson de Oliveira Neto, Armando Mendes.**

DDZ III - Norte

“A escola se destaca pela alfabetização do 1º ao 5º ano, com apoio das famílias para atingir as metas e projetos de leitura, escrita e reforço escolar, o que reduziu expressivamente o índice de reprovação de um ano para outro” — Luciana Monteiro de Oliveira, **Escola Municipal Profª. Rosina Araújo Moura, Cidade Nova.**

DDZ VI - Leste II

“Aprimoramos o conselho comunitário, levamos a escola à família, e tudo é decidido em assembleia, o que faz toda diferença diante da realidade social do bairro” — Walcicleide da Silva de Souza, **Escola Municipal Coronel Jorge Teixeira de Oliveira, Grande Vitória.**





Salas de jogos são espaços para dinâmicas pedagógicas atrativas para as crianças

também metodologias inteligentes e sistemas integrados para alcançar excelência na gestão da rede e otimização de recursos, do administrativo e finanças à logística e infraestrutura.

No setor de finanças, os fluxos dos processos ganharam mais rapidez e transparência por meio do Sistema Integrado de Gestão Eletrônica de Documentos (Siged), onde tudo passou a ser informatizado, do papel para a digitalização, desde pagamentos, assinaturas a contratos. “As coisas ficaram mais organizadas. Não é que não se conseguia fazer, mas demorava. Hoje, mesmo antes do meio de um processo, a gente já visualiza o status do fim dele. Reduzimos contratos e direcionamos melhor os recursos, beneficiando quem realmente está precisando na ponta”, reforça a diretora do Departamento de Administração e Finanças (Deafin), da Semed, Nazaré Normando.

A implantação de um sistema digitalizado de processos tornou possível, inclusive, economizar com o deslocamento de veículos, já que agora todo envio e recebimento de documento passou a ser virtual. “Conseguir colocar a maioria dos processos em um

SISTEMA DIGITALIZADO PERMITIU DIRECIONAR ESFORÇOS E RECURSOS A QUEM PRECISA NA PONTA

sistema digital foi uma revolução. Estamos fazendo essa digitalização para fazer tudo no servidor e sair do papel de vez”, ressalva o subsecretário Thiago Sarubi.

O setor de pessoal, assim como os demais, foi incorporado nas mudanças e, com a nova metodologia de gestão, alcançou mais rapidez e eficiência na concessão de pagamentos, promoções, férias, aposentadoria, exoneração, admissão e contratação. Possuindo o maior contingente de funcionários entre todas as secretarias da Prefeitura Municipal de Manaus (quase 16 mil servidores), a divisão de pessoal é liderada pela veterana Altina Magalhães, funcionária da Semed desde 1983.

“Um servidor demorava cento e poucos dias para se aposentar. Hoje, leva de 30 a 60 dias no máximo. Tudo porque fizemos um redesenho do processo”, relata Altina. Segundo ela, até a lotação de professores ganhou mais agilidade. “Em Manaus, temos carência de pessoal de Matemática e Ciências, então temos que contratar rápido porque os alunos não podem ficar sem aula. Sem falar das escolas mais afastadas, que precisamos também suprir de pessoal, cumprindo a lei, é claro, e colocando professores.”

A valorização do professor é elemento essencial na gestão



A valorização do servidor também foi uma marca desta gestão da Semed, não apenas com melhorias nas infraestruturas das escolas e departamentos, bonificações e cumprimento de direitos trabalhistas, mas com incentivo a capacitações externas e o oferecimento de formações e encontros gratuitos para o público interno. “Trazer aquele servidor que estava acomodado de volta à produtividade, valorizar o trabalho dele, oferecendo palestras, cursos com coach, e os ouvir! Saber o que realmente o professor, o gestor e o aluno precisam. Criou-se um canal de diálogo que antes não tinha”, reforça o subsecretário Thiago Sarubi.

Logística, patrimônio e engenharia

Esse aprimoramento da gestão de processos também melhorou a eficiência das operações de logística na rede municipal, desde a manutenção de equipamentos e mobílias à distribuição da merenda escolar para as 496 instituições de ensino. A nova central de abastecimento, depósito e distribuição da Semed, implantada em 2015, foi o marco para uma mudança radical na administração da qualidade, organização e planejamento da logística.

“O novo depósito melhorou a organização, condicionamento e armazenagem de produtos, desde materiais permanentes, expediente e limpeza até alimentação escolar. Melhorou radicalmente. Ficou mais organizado”, explica Leís Batista, diretor do Departamento de Suprimentos e Logística (Deslog) e servidor da Prefeitura de Manaus há 20 anos. “Foi uma série de revoluções em todos os processos e passamos a realizar um trabalho na área de gestão da qualidade muito maior”, disse.

Na área de patrimônio e materiais, ocorreram avanços na estruturação das escolas, com manutenção e aquisição de aparelhos de ar condicionado e adaptação das novas regras do mobiliário escolar, onde cadeiras e mesas são separadas para uso individual de cada aluno. “É um processo gradativo que estamos fazendo até 2023 devido à necessidade de destinação correta para as carteiras antigas”, reforça Leís Batista. Atualmente, são 30 mil conjuntos de mesa/cadeira nas escolas da Semed, seguindo a meta de adaptar 20% do mobiliário a cada ano.

Uma nova dinâmica de emplacamento, uso, monitoramento, transferência e destinação dos materiais e patrimônios das escolas tornou possível o mapeamento de mais de 4 mil

itens, um trabalho grandioso de inventário que abrangeu toda a rede municipal de ensino e conseguiu “dar baixa” em mobiliários, equipamentos e outros itens que estavam em desuso. Agora, tudo precisa passar pela Divisão Distrital Zonal (DDZ) para controle e atualização.

“Uma escola foi desativada. Para onde foi o material? Antes, não se tinha um controle efetivo. Hoje, estamos nesse processo de baixa patrimonial, que é quando um material quebra e damos a destinação correta”, explica Leís Batista.

Outra melhoria foi a reestruturação do setor de engenharia, com a otimização de uma equipe de profissionais qualificados para internamente desenvolver projetos básicos e desafogar as demandas por obras da rede municipal que normalmente eram enviadas à Secretaria Municipal de Infraestrutura (Seminf), a pasta da Prefeitura de Manaus responsável por todos os empreendimentos dos outros órgãos vinculados ao executivo municipal.

A partir dessa reestruturação do setor na própria Semed, foi possível ganhar tempo na elaboração dos projetos e, conseqüentemente, entregar obras e reformas nas escolas de forma mais rápida. “A Seminf era a única pasta com capacidade técnica para fazer e assinar os projetos. A partir de 2016, foram contratados engenheiros, orçamentistas,

São 30 mil conjuntos de mesa/cadeira, com meta de adaptar 20% do mobiliário a cada ano a novas regras

UM NOVO CANAL DE DIÁLOGO FOI CRIADO PARA VALORIZAÇÃO, ENGAJAMENTO E AUMENTO DA PRODUTIVIDADE DO SERVIDOR





A diversidade de territórios exige logística especial do transporte escolar por lanchas

projetistas e adquirimos programas e ferramentas especializados na elaboração de projetos. Foi um avanço significativo”, disse Roberto Buchdid, diretor do Departamento de Engenharia e Transporte (DET).

Transporte escolar terrestre e fluvial

Na educação, o transporte escolar representa um grande desafio. Antes sob um cenário de péssimas condições dos veículos, altos custos com combustíveis e descontrole nos horários de embarque e desembarque, uma nova metodologia readequou processos para solucionar problemas, tornando-se referência nacional.

Um dos primeiros passos nessa mudança foi a criação das divisões específicas para o transporte escolar terrestre, o fluvial e um núcleo de combustível. “Cada escola tem a sua particularidade, e visitamos algumas delas, principalmente, as ribeirinhas”, explica Wanderson Gonçalves, chefe da Divisão de Transportes da Semed. Dos 245 mil alunos da rede, 5% utilizam o transporte escolar gratuito: cerca de 13 mil estudantes que vivem na zona rural, ribeirinha e indígena, e que necessitam do apoio no deslocamento.

No transporte terrestre, as condições físicas das estradas era um problema recorrente. “Os ramais eram intrafegáveis”, relata Gonçalves. Com o apoio da Secretaria Municipal de Infraestrutura (Seminf), as vias terrestres de acesso receberam obras de reparos e manutenção para gerar mais segurança e reduzir o risco de acidentes nos trajetos.

Atrasos nos horários de embarque e desembarque dos coletivos também eram um desafio. Um mapeamento de todas as escolas, ônibus e horários dos alunos ajudou a identificar que coletivos demoravam para sair das garagens e passavam muito tempo no abastecimento. “Verificamos os alunos que tinham mais tempo nas estradas e menos tempo na sala de aula. Muitos chegavam atrasados e desistiam”, explica.

Como solução, equipes passaram a inspecionar o tempo gasto nos postos de abastecimento e as saídas das garagens foram ordenadas em horários. A quantidade de coletivos também aumentou com aditivo nos contratos, e empresas terceirizadas agora são responsáveis pela manutenção dos veículos. Atualmente, 159 coletivos, entre ônibus e micro-ônibus, fazem o transporte escolar terrestre.

No transporte escolar fluvial, as lanchas que levavam os alunos das comunidades às escolas ribeirinhas estavam sem reparo e algumas sem a documentação devida junto aos órgãos oficiais. “Com a utilização diária e sem manutenção, muitas perderam a validade. Então, adquirimos peças, contratamos empresa terceirizada para cuidar e legalizamos todas junto à Capitania dos Portos — toda a documentação”, explica Wanderson Gonçalves.

Hoje, 50 lanchas próprias da Semed prestam o serviço, mas ainda sob um desafio: a estrutura das embarcações. “As lanchas usadas em Manaus são padrão nacional e funcionam em mar aberto, mas perdem a eficiência no nosso sistema natural de subida e descida das águas. São muito largas e até comportam a quantidade de alunos, mas têm um calado (profundidade) de mais de um metro e meio, o que as faz encalharem no período da seca dos rios. Tem beiras de igarapé, por exemplo, em que a lancha não entra”, disse Wanderson Gonçalves.

A realidade amazônica no transporte escolar despertou a necessidade de mudança dessas embarcações e, durante visita a Manaus em agosto de 2019, membros do Ministério da Educação (MEC) e da empresa alemã Faboro Deutschland GmbH puderam conhecer as escolas ribeirinhas e a realidade da locomoção dos estudantes.

O protótipo de uma nova lancha, prática e mais sustentável, adaptada ao contexto dos rios e igarapés da região, deve ser elaborado e futuramente implantado em outras redes de ensino do país com a mesma realidade. “A lancha deve ser sem uso de diesel ou gasolina, mas funcionando por energia solar”, relata Wanderson Gonçalves.

Sob uma nova metodologia, foi possível otimizar o uso de gasolina e do diesel no transporte terrestre e fluvial levando em conta quanto cada escola necessitava em abastecimento e atualizando o roteiro de transporte dos alunos. Ao final, a rede municipal alcançou uma redução de 20% no custo total de combustíveis.



Novo depósito melhorou as condições de armazenagem dos produtos da merenda escolar

Merenda escolar e saúde alimentar

A gestão inovadora da educação passa pela merenda escolar. Uma nova metodologia para a alimentação dos 245 mil estudantes da rede municipal passou a ser implantada, incluindo desde o controle interno de estoque de produtos, o mapeamento de fornecedores de agricultura familiar e a elaboração de um plano de saúde alimentar para as crianças e adolescentes.

O sistema de gestão de controle do estoque, lançado em 2016, automatizou o processo. “Passamos a visualizar tudo em tempo real dentro do próprio sistema administrado pelos servidores das escolas. O que foi consumido, o que precisava comprar de alimento... Tudo”, explica Leís Batista, diretor do Deslog.

O aprimoramento das compras da agricultura familiar foi outro item fundamental, desde o mapeamento de fornecedores até o acompanhamento da sazonalidade de frutas, verduras e legumes e lançamento de chamadas públicas para aquisição dos produtos.

No novo sistema, itens básicos da alimentação passaram a ter o prazo máximo de entrega de 15 dias, congelados, de 10 dias, e a agricultura familiar, de uma semana, diminuindo em 20% o desperdício de alimentos. “Passamos a fazer tudo no tempo correto: aquisições, chamadas públicas... De forma a não haver desabastecimento das escolas. Rodamos toda a rede levando agricultura familiar de qualidade”, afirma Leís Batista.

Claro que o plano de saúde alimentar das crianças e adolescentes abarcava também o trabalho das manipuladoras de alimentos, que seguiam um plano nutricional estabelecido por profissionais. “Não adiantava nada um planejamento e aquisição correta dos produtos alimentícios se lá na ponta a merendeira não preparasse direito, se elas salgassem o arroz e o feijão, por exemplo”, explicou o diretor da logística.

Testes de aceitabilidade foram aplicados com os alunos — uma espécie de formulário onde os estudantes respondiam sobre a qualidade dos alimentos a partir de cinco variáveis de positivo a negativo, identificadas por rostos de bonecos com humores diferentes, de triste a feliz. Mais de 100 escolas foram avaliadas.

Palestras sobre a importância de uma alimentação saudável também foram promovidas nas escolas. “Tem crianças cujos pais mandam refrigerante e salgadinhos como merenda e essas crianças não comem na escola. Existe essa barreira cultural, a mentalidade de pensar que a comida da escola não tem qualidade, não é saudável. Então, fizemos trabalhos também para desmitificar essa ideia”, reforça Leís.

Os cardápios também passaram a ser expostos e atualizados semanalmente nos locais de maior circulação das escolas para que os pais pudessem acompanhar o que seria servido aos filhos. “Tudo para fazer com que confiassem na escola e para quebrar esse paradigma dos hábitos alimentares, como, por exemplo, a ingestão de verduras e legumes. É uma mudança de cultura”, enfatiza Leís.



Na pandemia, foi necessária logística para retirada de kits de alimentação pelas famílias



O controle na gestão de transporte reduziu atrasos e garantiu locomoção segura para os alunos da rede



Aldeia no Tarumã Açú sediou a 7ª edição das “Brincadeiras de Cunhatãs e Curumins”



O planejamento da logística cuida também dos materiais escolares que serão utilizados pelos alunos ao longo de todo o ano letivo



A INSPIRAÇÃO DA DIVERSIDADE

A capital amazonense se diferencia pela educação do campo, das águas e da floresta, além dos desafios no meio urbano

Na escola indígena dos Três Unidos, região do Rio Negro, o professor respeita cultura e tradições da etnia Kambeba

São quase duas horas de lancha rápida entre a zona urbana de Manaus e a comunidade Três Unidos, no Rio Cuieiras, morada de famílias Kambeba que lutam por manter viva a cultura da etnia. A Escola Municipal Indígena Kanata T-Ykua desempenha papel-chave nesse desafio, fazendo a ponte entre a tradição e a modernidade: “Precisamos muito do conhecimento não indígena, como vocês necessitam do nosso, e se nos aliarmos, teremos um Brasil melhor e mais feliz”, afirma o diretor Raimundo Cruz da Silva, de nome indígena Kamberi — “homem guerreiro”.

“A base é aprender de acordo com a realidade local, porque a educação não fica só na escola, e a criança indígena aprende olhando os mais velhos da família”, completa Raimundo, que desde os 14 anos cultivava o sonho de ser professor e trabalhar a revitalização dos conhecimentos tradicionais de seu povo, em contraponto aos impactos nocivos da educação convencional. Ele começou informalmente com 30 crianças debaixo das árvores, cursou o Magistério e depois a graduação em Pedagogia Intercultural Indígena, na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Preparou-se, assim, para um trabalho específico e diferenciado para o povo Kambeba. “É necessário lidar com o conhecimento da aldeia para fora, cultivando relações de respeito mútuo”, diz.



A estratégia daquela escola, com 35 alunos em regime multiseriado, está alicerçada em projetos pedagógicos. Dança indígena, ofício do arco e flecha, plantas medicinais, grafismo e vestimentas, por exemplo, já foram temas trabalhados ao longo dos anos. A próxima iniciativa abordará a tradição da canoa Kambeba, com estudo sobre as madeiras nativas utilizadas e uso para se locomover, pescar ou transportar mandioca da roça, dentre outros.

Já desenvolvidos no passado, o projeto de resgate do artesanato, inspirador de uma feira regularmente organizada na comunidade, e o de comidas típicas, que levou os indígenas a criarem um restaurante aberto a turistas, resultaram em fontes de renda para a comunidade. “Hoje, as crianças se sentem motivadas e felizes por falar a língua materna”, ao contrário de antigamente, quando evitavam a tradição devido ao preconceito da sociedade, segundo o gestor escolar.

O trabalho desenvolvido na aldeia Três Unidos, dentro dos limites territoriais do município de Manaus, retrata uma característica marcante do modelo de educação integral na maior metrópole da floresta: a diversidade. É um diferencial desafiador a multiplicidade

Adolescente indígena pratica o manuseio da zarabatana, arma de caça da cultura tradicional

de perfis a serem atendidos em igual qualidade, entre estudantes da zona urbana em suas diferentes condições sociais e econômicas, moradores da zona rural no entorno da cidade, quilombolas, população indígena e ribeirinha.

Em Manaus, existem 83 escolas municipais de educação do campo, das águas e da floresta, em contexto que exige propostas pedagógicas diferenciadas. “Buscamos um diálogo aberto por meio de fóruns para dar voz a pais e alunos da área rural, no contexto de um trabalho participativo”, informa Vera Silva, chefe da Divisão de Ensino Fundamental da Semed. “A discussão é nova no Brasil e na Amazônia e envolve temas sensíveis como direitos e reconhecimento dos agentes sociais nesses territórios”, enfatiza a professora.

A Marina do David, em Manaus, onde atracam barcos de passageiros e lanchas de transporte escolar, dá a medida desse complexo mosaico de identidades. Escolas que se localizam na região do Rio Negro reúnem peculiaridades em relação às do Rio Amazonas, que, por sua vez, se distinguem das chamadas “escolas rodoviárias”, situadas nos ramais que ligam rodovias a comunidades floresta adentro. Cada área impõe desafios de



Projeto pedagógico da escola municipal incentivou a renda por meio do artesanato e turismo na comunidade Três Unidos



gestão e logística próprios, tanto pelas condições geográficas, marcadas por períodos de cheias e vazantes dos rios, como pelas econômicas, sociais ou culturais. Esse quadro, na visão de Vera, exige também uma formação diferenciada do professor. “O trabalho precisa estar contextualizado com as realidades locais”, conclui.

Desta forma, há diferenças a considerar pelo simples fato, por exemplo, de a criança ser filha de pescador ou de agricultor, o que requer constantes adaptações em rotinas e narrativas. No geral, há preocupações que valem para todos os perfis de estudantes que vivem na Amazônia: minimamente, jacaré, pirarucu, tucumã, pupunha e macaxeira, entre outros ícones da cultura regional, devem substituir girafas, elefantes, morangos e robalos típicos de uma literatura escolar.

Para além desses detalhes de identidade cultural nas narrativas, a lista abrange adequações de práticas e de currículo essenciais a uma estratégia de empatia com o mundo dos alunos e suas famílias — revisão hoje em debate com apoio da Semed. As ações não podem deixar de lado a realidade de que algumas dessas escolas estão em reservas ambientais. Nessas áreas ecológicas protegidas por lei, os meninos e meninas de

Alunos de aldeias participam de jogos e brincadeiras adaptadas à realidade local



O professor Ráilson Queiroz, da Escola Municipal Indígena Puranga-Pisasú, desenvolve aulas mais atrativas

hoje serão os futuros adultos guardiões da floresta, essencial como fonte de renda e qualidade de vida para suas próprias famílias e para todo o Brasil e o planeta, devido à importância da região para o equilíbrio do clima global.

Nesses locais, o desafio da educação é complexo. Uma barreira é a falta de conectividade digital e de rede elétrica. Outra é a rotatividade de professores designados para essas áreas remotas, onde é necessário enfrentar banheiro nas viagens de barco — e, muitas vezes, pisar na lama ou compartilhar espaços em alojamentos coletivos. “Muitos passam no processo seletivo para trabalhar em escola rural na esperança de logo transferir-se para a área urbana”, diz Auriedia da Costa, integrante do comitê de educação no campo.

A solução da educação itinerante

As demandas dessa diversidade exigem soluções e novos esforços para se reinventar. Diante das grandes distâncias e do reduzido número de alunos e professores no interior da floresta, uma alternativa está no Projeto de Educação Itinerante, com turmas

ÁREA RURAL EXIGE LOGÍSTICA DIFERENCIADA CONFORME OS PERÍODOS DE CHEIA E VAZANTE DOS RIOS

multisseriadas do 6º ao 9º ano. Nesse sistema, os professores se deslocam para aulas concentradas em escolas de dois polos da mesma região, de forma alternada. É o caso de Ráilson Queiróz, que saiu do conforto de casa para arregaçar as mangas fora da cidade: de janeiro a maio de 2020, o professor ficou na Escola Indígena Municipal Puranga Pisasú, na comunidade Nova Esperança, no Rio Cuieiras; e naquele mês transferiu-se para a Escola Municipal São Sebastião I, também zona ribeirinha de Manaus, onde trabalhou até o fim do ano letivo, em novembro, e permaneceu por lá no recomeço das aulas, em janeiro de 2021.

Apesar das dificuldades, como internet lenta e energia fornecida por gerador à diesel até as 22h, o que significa dormir no calor sem ar condicionado, “é muito gratificante lidar com alunos participativos e interessados, em local onde as famílias estão sempre próximas”, relata Ráilson, para quem o desafio maior está na falta de estrutura e materiais, por exemplo, para a prática de educação física. O objetivo não é apenas o cuidado com o corpo, mas formar cidadãos críticos e quebrar tabus que permeiam a cultura indígena. “Mesclar meninos e meninas na prática de futebol foi uma conquista contra o machismo”, revela.

Cerca de 900 alunos indígenas são beneficiados pela estrutura da Semed em Manaus, que inclui 18 centros com atividades voltadas para a valorização da cultura tradicional,



Nas vilas ribeirinhas, o futebol é espaço para igualdade de gênero contra a cultura do machismo

no contraturno. No total, 57 escolas municipais são frequentadas por alunos indígenas. Quatro delas têm ensino bilíngue, tanto de português como da língua materna, tendo à frente professores das mesmas etnias.

A Semed busca oferecer educação tecnológica pensando na grande diversidade da rede, o que inclui as escolas indígenas

Calendários baseados na seca e na cheia

“É um trabalho desafiador, mas também motivador, na busca incessante de melhorias”, concorda Edilene Pinheiro, chefe da Divisão Rural, destacando o esforço que tem diminuído o problema da ausência de professores, principalmente do 6º ao 9º ano, por meio de ajustes no processo de concurso público e maior sensibilização dos profissionais. O trabalho leva em conta dois calendários, diferenciados conforme a região: um para as escolas rodoviárias e ribeirinhas do Rio Amazonas, outro para as que funcionam na região do Rio Negro, tendo em vista a necessidade de cobrir 200 dias letivos no ano e as dificuldades de acesso fluvial para professores e alunos no período de seca.

“Um dos objetivos atuais é aumentar o número de escolas com alojamento para professores”, informa Edilene, dedicada ao assessoramento pedagógico em visitas de uma



semana, três vezes ao ano, a cada uma dessas escolas, com suas histórias de luta e superação. Algumas, por exemplo, funcionavam em barracão antes de ficarem prontas. Outras já ganharam estrutura mínima e buscam melhorias, como a Escola São João do Tupé, no Rio Negro, que se enquadra na categoria mista, reunindo alunos indígenas e ribeirinhos, e neste ano conseguiu recuperar o telecentro local com ganhos para a educação à distância.

“Na zona rural somos pioneiros em achar soluções para esses alunos, e dessa forma conseguimos atravessar a pandemia de Covid-19 com diálogo junto aos professores para fazer diferente, produzindo apostilas e distribuindo nas casas”, conta Edilene (veja mais no capítulo 5).

“A interação com as famílias foi fundamental”, confirma Hudes Tavares, coordenador do Cemasp Polo Rural. “Não somos os únicos do mundo a enfrentar desafios assim”, ressalva o professor, lembrando-se de quando participou de um congresso internacional e conheceu experiências que relatavam iguais problemas, só que em países frios em que a barreira está no gelo, e não na seca ou enchente. No município de Manaus, “tem aumentado o comprometimento das famílias no acompanhamento escolar, embora na realidade rural isso seja feito muitas vezes por avós ou outros parentes, e não por pais biológicos”.

Crianças fazem maquete da aldeia nas oficinas escolares



A comunidade Três Unidos, no rio Cuieiras, reúne famílias Kambeba, que preservam a cultura tradicional



Educação é chave no trabalho de conservação da biodiversidade nas reservas ambientais habitadas pelos alunos no entorno de Manaus





Cabo de guerra nos Jogos Indígenas na Aldeia Nova Esperança



DESAFIOS E APRENDIZADOS DA COVID-19

A gestão educacional colaborativa, compartilhada e democrática foi a chave para enfrentar a pandemia e deixou lições para o futuro

Na escola
Waldir
Garcia, as
orientações
para
prevenção
estão nas
paredes
desde
antes da
interrupção
das aulas
presenciais

Ainda eram férias escolares, em janeiro de 2020, quando um novo vírus circulava no mundo. O contágio pelo covid-19 aumentava e assustava como uma enfermidade desconhecida, fazendo a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretar Emergência de Saúde Pública Internacional, o mais alto nível de alerta da instituição. Naquela época, nem a população brasileira, nem os amazonenses imaginavam o que estaria por vir.

Dois meses se passaram e, em março, era decretada pandemia mundial. Na cidade de Manaus, que teve o primeiro caso registrado no dia 13 daquele mês, comércio, indústria e serviços foram suspensos sem prazo para retornar, incluindo as aulas da rede municipal de ensino. A medida afetou 245 mil estudantes nas zonas rural e urbana da capital, de crianças a partir de 1 ano a idosos da EJA que, a partir de então, seriam obrigados a se isolar com suas famílias e estudar em casa.

Educadores e todo o corpo pedagógico e de gestão da Secretaria Municipal de Educação (Semed) precisaram repensar seus processos de ensino e aprendizagem para encontrar e aplicar um método adaptado à nova rotina, agora domiciliar. Como garantir o sucesso da educação transformadora mesmo à distância e ainda fazer com que alunos conseguissem, de fato, aprender?

Diante do desafio, a Semed desenvolveu seu próprio modelo de ensino remoto, incluindo todas as etapas, desde a seleção de professores que gravariam as aulas até a

roteirização, gravação e edição. Pioneirismo que colocou, mais uma vez, a rede municipal de educação de Manaus como referência nacional.

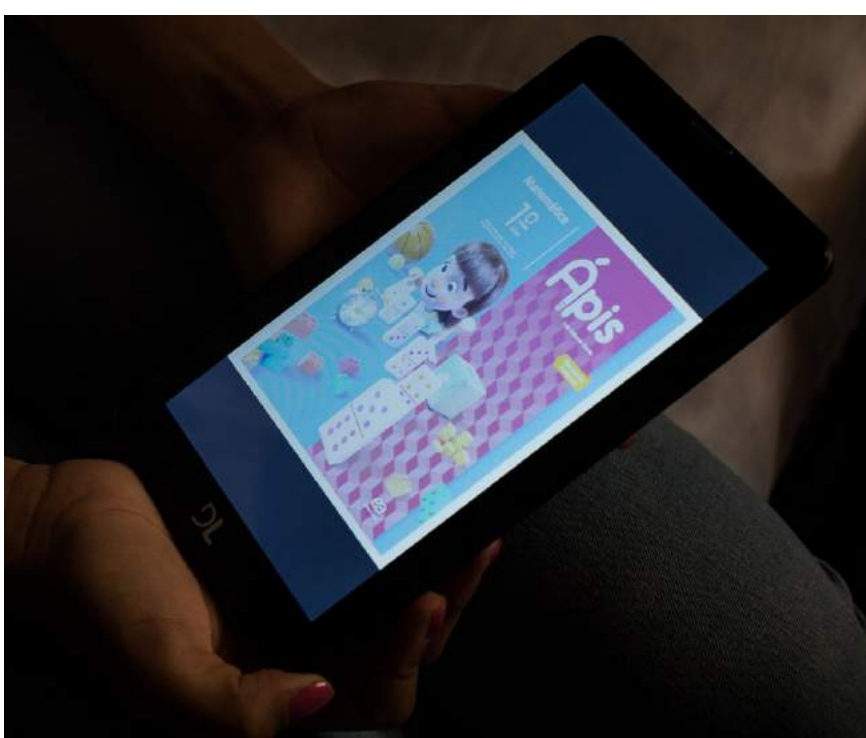
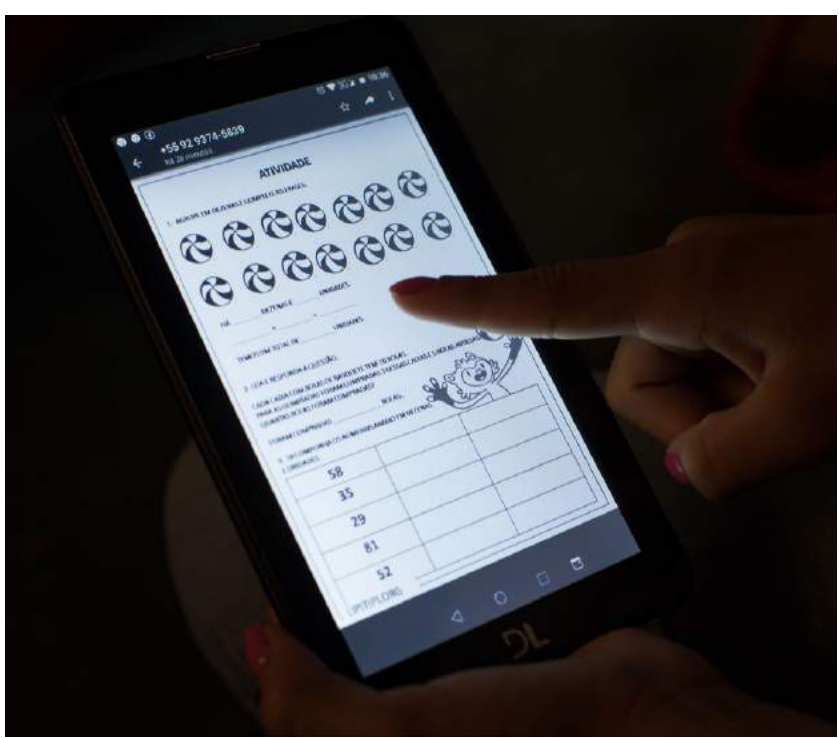
Em um centro de mídias especializado em produção de conteúdo escolar audiovisual, professores e educadores do Amazonas passaram a gravar teleaulas diariamente, do ensino fundamental ao médio, para serem transmitidas via sinal de televisão aberta e também pela internet e, assim, chegassem até as residências dos estudantes.

Em parceria com a Secretaria de Educação do Estado do Amazonas, que já tinha expertise em centro de mídias, a Semed não deixou o fluxo de aprendizagem parar, como ocorreu em outras redes do país. Isolados em casa, as famílias e alunos não poderiam ficar desamparados, sem qualquer conteúdo escolar, nesse momento tão difícil de pandemia, em que muitos perderam entes queridos, empregos e até mesmo casa por falta de recursos para pagar aluguel. E ainda se viram expostos à violência do lar, dentre outros problemas.

Montagem de estratégias e soluções

Em uma reunião emergencial entre Semed e Secretaria Municipal de Saúde, foi oficialmente definida a antecipação do recesso escolar de 15 dias, no período de 17 a 31 de março, e, em seguida, a suspensão das aulas presenciais a partir de 1º de abril, quando deu-se início ao ensino remoto na rede municipal de ensino. Foi realizado um planejamento de estraté-

Os aparelhos
eletrônicos
ajudaram
nos estudos
durante a
pandemia



gias e soluções em educação para o período de pandemia, com construção de um grupo de governança, calendário de reuniões diárias e elaboração de protocolos de segurança.

Por meio da assinatura de um Termo de Cooperação Técnica com a Secretaria de Estado de Educação (Seduc), o departamento público que dirige o Centro de Mídias do Estado do Amazonas (Cemeam), foram estabelecidas exigências e normas para a execução daquele que seria um plano ousado de readequação do calendário escolar, com alternativas para promover uma educação de qualidade nos tempos de isolamento.

Em 1º de abril, as aulas da rede municipal de ensino já retornavam a todo vapor, desta vez nas casas dos alunos por meio dos programas educacionais “Aula em Casa” e “Eba! Vamos Brincar!”, gravados e veiculados pela TV aberta e pelo YouTube. Na televisão, pelos canais 2.2, 2.3, 2.4 e 2.5 da TV Encontro das Águas, uma TV pública, e, na internet, pelos canais Aula em Casa Amazonas 1, 2, 3, 4 e 5, tudo dividido em horários específicos para os níveis e séries de cada aluno.

No “Aula em Casa”, conteúdos de disciplinas como Português, Matemática e Ciências eram ministrados por professores por meio de repasse de exercícios e correções simultâneas. No “Eba! Vamos Brincar!”, era só diversão, com brincadeiras intencionais que tinham como objetivo gerar interação entre os pequenos e suas famílias dentro de casa. No YouTube, após gravadas, as aulas ficaram disponíveis para quem quisesse revê-las.

As redes municipal e estadual de educação, de Manaus e do Amazonas, foram as primeiras do País a retomar as atividades escolares e pedagógicas por meio de uma robusta plataforma de ensino remoto com acesso tanto pela TV aberta quanto por plataformas digitais através de aparelhos eletrônicos, como smartphones, notebooks e tablets.

As aulas passaram a ser transmitidas pela TV aberta para acesso dos alunos em casa



Acompanhamento e monitoramento

Promover uma educação à distância e de qualidade em tempos de pandemia, tendo como adversária a geografia e a infraestrutura do lugar, foi o desafio para a rede municipal de educação de Manaus. O intuito era evitar ao máximo a evasão escolar e a fórmula encontrada, o de ensino mediado pela tecnologia, deu certo! Os programas receberam ótima aceitação entre os alunos, pais e professores, e já na primeira semana o “Eba! Vamos Brincar!” alcançou mais de 1 milhão de acessos, tornando-se o programa de maior audiência.

No “Aula em Casa”, professores e pedagogos faziam o monitoramento diário pedagógico e de indicadores a partir de suas residências, acompanhando a transmissão das videoaulas, controlando a frequência dos alunos e dando apoio na aprendizagem deles por meio de diálogo direto com os pais e responsáveis por grupos no WhatsApp — aplicativo de mensagens, e-mails, telefone e plataformas para reunião *online*. Recursos digitais como fotos, vídeos e áudios são usados.

A dona de casa Juliana Tavares, 33, vivenciou bem isso. Ela passou a tirar todas as

Eduardo Augusto, 12 anos, estuda na Escola Municipal Profª. Jarlece da Conceição Zaranza e se ajeita como pode para não perder a aula em casa

**Prefeitura
entrega
material
didático
impresso a
comunidades
da zona
ribeirinha de
Manaus**

manhãs para assistir às aulas junto com a filha, Maria Clara Tavares, de 7 anos, que cursa o 1º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Raimundo Teodoro Botinelly Assumpção, bairro Cidade Nova, Zona Norte, na periferia de Manaus. Segundo ela, o “Aula em Casa” foi benéfico não apenas para o ensino e aprendizagem das crianças, mas também para manter uma rotina de horários da família durante o isolamento.

“Quando as aulas foram paralisadas, eu realmente não sabia o que fazer. Era março, logo depois do início do ano letivo. A pandemia pegou todo mundo de surpresa”, disse. Ela agradeceu por existir o “Aula em Casa”. “Todas as manhãs eu sento com Clara para estudar. Nossas manhãs são reservadas para isso, onde posso também verificar como ela está se saindo. Ela faz as atividades e as dúvidas eu consigo tirar com os professores”.

Para ela, o acompanhamento pedagógico e as atividades de engajamento familiar foram fundamentais. “A diretora e a professora da minha filha me ajudaram muito com as informações. Eles (professores) estão sempre acompanhando o desempenho dos alunos e presentes no grupo de bate-papo. É um projeto muito bom para que os alunos não fiquem sem aula e os pais não fiquem loucos”, diverte-se a mãe.

A adaptação à nova escola a distância até que foi prazerosa para Maria Clara.

OUVIR PAIS E ALUNOS, COMO SE PRÁTICA NA EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA, MOSTROU-SE AINDA MAIS IMPORTANTE NO ENFRENTAMENTO À COVID-19

O difícil foi segurar a saudade do ambiente escolar, dos amigos e professores. “Gostei muito das aulas na televisão. Eu vejo tudo sem sair de casa. A mamãe senta comigo e a gente faz juntas. É legal! Mas eu queria a minha tia (professora) comigo também, e os meus amigos, e a minha escola que eu sinto falta demais! Mas eu sei que é culpa do vírus”, comenta a pequena.

Nesse cenário de pandemia, ouvir os pais e, principalmente, dar voz aos jovens, foi um dos fatores de sucesso do ensino remoto no Amazonas. Conforme pesquisa do Datafolha, 75% dos estudantes brasileiros encontram-se tristes, irritados e ansiosos com o confinamento após os primeiros meses da pandemia. Construindo uma ponte de diálogo franco e honesto entre educadores, pais e estudantes, a Semed promoveu iniciativas inclusivas. Família e escola têm sido pautas primordiais da gestão no sentido de garantir o fluxo de ensino e, não menos importante, assegurar o bem-estar dos alunos, pais e profissionais da educação.

Realidade ribeirinha e material impresso

Com 83 escolas situadas na zona rural, com acessos via terrestre e fluvial, a Semed precisou encontrar outra solução para o “Aula em Casa” chegar até esses alunos, que vivem em localidades afastadas e com péssima infraestrutura de energia elétrica e serviços de comunicação como TV e internet — crianças e adolescentes moradoras de comunidades mais distantes que não conseguiam assistir aos programas educacionais.

Foram recrutados gestores e professores para produção de materiais escolares complementares, com conteúdo adaptado a essa realidade, de forma que fossem impressos e entregues aos alunos a cada 15 a 20 dias. Foram horas e quilômetros percorridos por rios e igarapés, estradas e ramais, para fazer chegar as atividades até os estudantes, posteriormente corrigidas. Uma ação que contou com apoio de dezenas de barqueiros e motoristas e que seguiu os protocolos de segurança contra a covid-19.

Uma experiência bem conhecida da professora Adriana Ribeiro Alves, 44, que leciona para crianças e adolescentes ribeirinhos na Escola Municipal Paulo Freire, na comunidade Agrovila, a 40 minutos de lancha da zona urbana de Manaus. Já acostumada aos trajetos fluviais diários pelo Rio Negro, ao calendário escolar ribeirinho e aos desafios da educação multiseriada da zona rural, muitas vezes sem energia elétrica e comunicação, a professora Adriana se viu diante de um novo desafio.

“No início da pandemia, ficamos preocupados em como as crianças de lá iam acom-



**Na Escola
Waldir
Garcia, como
nas demais
unidades, as
brincadeiras
deverão se
adaptar ao
novo cenário
de cuidados**

panhar o “Aula em Casa”. Poucos ali têm telefone com internet e, às vezes, falta energia elétrica. Disponibilizamos o wi-fi da escola, mas é fraca para os cerca de 40 minutos das teleaulas”, explica a professora Adriana.

“Passamos a gravar pequenos vídeos de, no máximo, sete minutos e os compartilhamos com os pais nos grupos de WhatsApp. Quem tem telefone, baixa e compartilha com os outros via Bluetooth ou assistem juntos. Tem uma senhora lá, por exemplo, que tem uma TV e coloca na sala de casa para todos assistirem”, disse.

E é a própria professora Adriana, junto com outros professores e o gestor da escola, que leva de barco quinzenalmente as tarefas impressas aos alunos. As apostilas são deixadas na sede da instituição e os alunos ou pais vão pegar em diferentes horários, tudo monitorado pela merendeira e pessoa encarregada dos serviços gerais da escola, que moram na Agrovila.

“As escolas da zona ribeirinha estão dando um show. Para eles, a escola é algo magnífico, onde eles encontram não só acesso aos estudos, mas apoio, alimentação. Não quero nunca sair da educação ribeirinha. Quero ensinar lá até ficar bem velhinha”, brinca Adriana.

Campanha para ninguém ficar atrás

Mesmo com as estratégias e soluções implementadas para manter o ensino e aprendizagem à distância de seus 245 mil alunos, para muitos estudantes ainda era difícil conseguir acessar os conteúdos do “Aula em Casa” pela TV ou internet, mesmo aqueles

da zona urbana, justamente por não possuírem aparelhos de televisão, notebooks ou celulares em casa — realidades de famílias de baixa renda que foram desafiadoras para a rede municipal de educação.

É o caso de João Cleber, 8 anos, uma criança com problemas fonoaudiológicos que estuda no 2º ano do Fundamental da Escola Municipal Professor Waldir Garcia, instituição de tempo integral no bairro São Geraldo, Zona Centro-Sul. Dividindo uma casa pequena com os pais e mais seis irmãos, sem acesso a TV ou celular, ele não conseguia assistir o “Aula em Casa” e enfrentava dificuldades para fazer os exercícios impressos, já que dividia a atenção da mãe com os irmãos e os cuidados com o lar.

A solução encontrada foi o acompanhamento pedagógico presencial na casa da professora dele, a pedagoga Inês Leal, que mora na mesma rua, a cerca de 150 metros. João conseguia assistir às teleaulas e respondia as apostilas. Um alívio para a mãe dele, a doméstica Edilane Ferreira Fernandes, de 42 anos. “No início, era muito difícil cuidar de todos e botar todo mundo para estudar. Eles não faziam nada, só brincavam. Ainda bem que apareceu a professora Inês e João pôde estudar”, disse.

Mas a rotina na casa da professora logo se encerrou quando a gestão da Escola Municipal Professor Waldir Garcia conseguiu, por meio de uma campanha de doações, um aparelho de TV e uma antena para a família de João Cleber e outras famílias de alunos de baixa renda. Ideia que deu certo e inspirou a campanha “Nem Um a Menos”, coordenada



pela Semed e que busca doações de equipamentos eletrônicos em bom funcionamento a fim de permitir que os alunos acessem o “Aula em Casa”.

“O objetivo era ir atrás das doações e, ao mesmo tempo, fazer ‘vaquinha *online*’ para angariar fundos e comprar TVs para as crianças mais necessitadas. A sociedade nos ajudou bastante tanto em dinheiro como em doação de TVs, celulares e chips”, comemorou a gestora da escola, Lúcia Cristina Santos. Ao todo, oito TVs e 15 celulares foram doados, 12 celulares foram comprados e o valor de R\$ 11 mil arrecadado para a aquisição de mais aparelhos. Com essas estratégias, foi possível engajar 65% dos alunos no desafio de aumentar a participação de quem não tem internet ou televisão, em especial, entre famílias que perderam o emprego na pandemia.

Além do “Aula em Casa” e do “Eba! Vamos Brincar!”, durante a pandemia foram oferecidos materiais complementares para os alunos da educação especial, com a plataforma digital Saber+, e o projeto de idiomas “English For Kids”. Já os pais e responsáveis puderam acessar atividades de engajamento familiar e assistência sociopsicopedagógica e os professores receberam ações de desenvolvimento profissional e formação, como os bate-papos “Papo Reto” e oficinas *online*. Ainda, o evento “Mosaico Cultural” levou acolhimento e cultura aos professores.

**Campanha
"Nem um a
Menos" doou
aparelhos
para alunos
de baixa
renda terem
aulas à
distância**



Em meio às incertezas dos novos rumos traçados pela pandemia, a esfera educacional enfrentou desafios gigantescos e buscou soluções para se manter presente. Não basta apenas ter e dominar os aparatos tecnológicos. O desafio que escolas de ensino básico enfrentarão daqui em diante consiste em manter o equilíbrio entre aulas presenciais e o uso de ferramentas tecnológicas. Alunos mais autônomos, professores mais criativos, demonstrações de superação, aproximação de pais, educadores e alunos, e a percepção do impacto das desigualdades sociais são lições que ficam como legado.

O modelo de educação transformadora, que marca a gestão da escola pública municipal em Manaus, deu provas de resistência e ainda tem muito a ensinar. Com ele, as escolas se tornam preparadas para ouvir o que esses jovens sentem e pensam, não somente sobre o ensino remoto, mas sobre as perspectivas do atual momento e suas angústias mais profundas em relação ao futuro da humanidade.

**A onça na
parede
da escola
remete aos
desafios da
educação
para o futuro
da Amazônia,
no cenário
pós-covid-19**



CULTURA DA EDUCAÇÃO INTEGRAL E TRANSFORMADORA PERMITIU MELHOR ADAPTAÇÃO DA REDE MUNICIPAL AO CENÁRIO DA PANDEMIA



Em setembro, as escolas municipais começaram a receber alunos por agendamento, como suporte e apoio ao ensino remoto, a exemplo da Escola Municipal Profª. Jarlece da Conceição Zaranza



Aos poucos, alunos são preparados para a realidade de como será a educação no pós-pandemia



“O conhecimento exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer uma ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção”

Paulo Freire



EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA

A educação integral, transformadora, inovadora, emancipadora, inclusiva e democrática, entre tantos outros adjetivos, encontrou na maior cidade da Amazônia a força e a ousadia necessárias para progredir e tornar-se referência brasileira como política pública municipal. Na luta contra a desigualdade social, os indicadores alcançados em cinco anos pela Secretaria Municipal de Educação – Semed Manaus demonstram o sucesso de uma trajetória que está longe do fim.

SEMED
Secretaria Municipal de
Educação



PREFEITURA DE
MANAUS

ISBN 978-65-5872-001-0



9 786558 720010